

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

RODRIGO BRAZ DA CONCEIÇÃO

Etnia: Pataxó – Aldeia: Barra Velha

**As transformações na economia da aldeia mãe
Barra Velha: resiliência do povo pataxó e a
retomada de atividades tradicionais em tempos
de pandemia**



Aldeia Barra velha – Território de Barra Velha – Porto Seguro (Ba)

Belo Horizonte (MG)

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

RODRIGO BRAZ DA CONCEIÇÃO

Etnia: Pataxó – Aldeia: Barra Velha

**As transformações na economia da aldeia mãe
Barra Velha: resiliência do povo pataxó e a
retomada de atividades tradicionais em tempos
de pandemia**

Percurso acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação em Matemática, da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/UFMG), para fins de conclusão de curso.

Orientadora: Profa. Dra. Ilaine da Silva Campos

Coorientador: Me. Genilson Soares de Santana

Aldeia Barra velha – Território de Barra Velha – Porto Seguro (Ba)

Belo Horizonte (MG)

2022

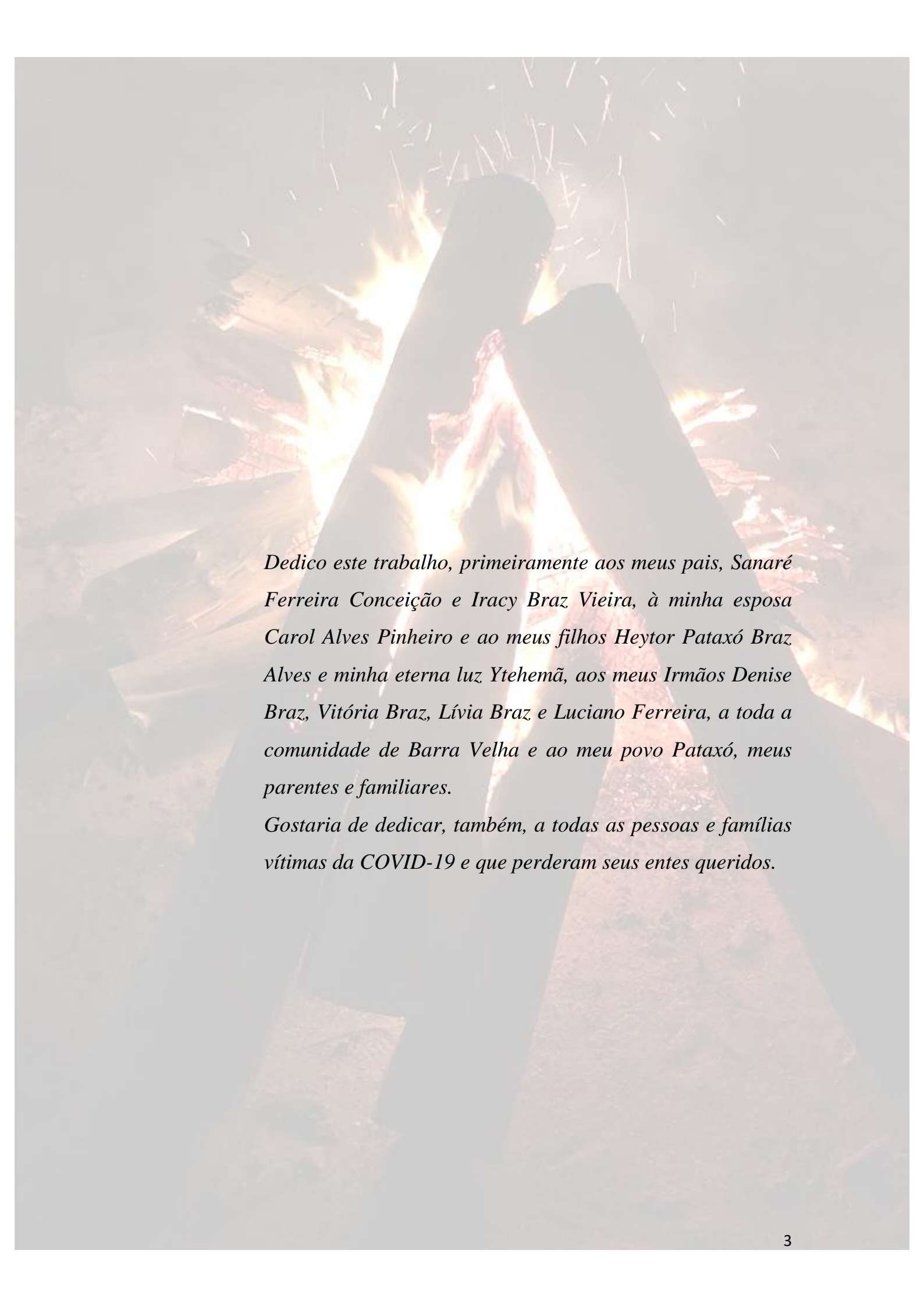
Percurso acadêmico, Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *As transformações na economia da aldeia mãe Barra Velha: resiliência do povo pataxó e a retomada de atividades tradicionais em tempos de pandemia*, de autoria de Rodrigo Braz da Conceição, apresentado em 18 de outubro de 2022 e avaliado pela banca constituída pelos seguintes integrantes:

Ilaine da Silva Campos (Orientadora)
Profa. da FaE – UFMG

Genilson Soares de Santana (Coorientador)
Doutorando em Matemática ICEX- UFMG/ Bolsista PIFD – FIEI

Everton Braz dos Santos
Prof. Indígena Pataxó da Escola Indígena de Barra Velha

Paulo Roberto Maia Figueiredo
Prof. da FaE – UFMG



Dedico este trabalho, primeiramente aos meus pais, Sanaré Ferreira Conceição e Iracy Braz Vieira, à minha esposa Carol Alves Pinheiro e aos meus filhos Heytor Pataxó Braz Alves e minha eterna luz Ytehemã, aos meus Irmãos Denise Braz, Vitória Braz, Lívia Braz e Luciano Ferreira, a toda a comunidade de Barra Velha e ao meu povo Pataxó, meus parentes e familiares.

Gostaria de dedicar, também, a todas as pessoas e famílias vítimas da COVID-19 e que perderam seus entes queridos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a nosso pai Tupã, nosso Deus que me deu saúde para poder realizar esse trabalho, agradecer aos meus familiares e a todos os colaboradores da pesquisa, aos entrevistados Alex Pinheiro, Erilsa Santos, Iomany Pataxó e Romildo Ferreira. E, principalmente, a minha orientadora Ilaine Campos e meu coorientador Genilson Soares. Gostaria de agradecer, também, aos meus professores do curso do FIEI: Vanessa Tomaz, Paulo Maia, Maria Gorete Neto, Shirley Miranda, Marina Tavares, Welington Mandala, Ilaine Campos, Carolina Tamayo e demais professores e apoiadores do Curso FIEI.

Agradeço à Escola Indígena Pataxó de Barra Velha e aos professores Akerlan Santos, Arivaldo Pataxó, Erilsa Santos, Júnior Pataxó, Jússimar Guedes, que me incentivaram a fazer um curso superior.

Agradeço, também, a todas as lideranças de minha Aldeia Barra Velha e demais aldeias do povo pataxó que lutam pelo nosso povo e a todas as pessoas que me incentivaram a continuar no curso nos momentos difíceis, aos meus colegas e amigos do curso que me acolheram e me abraçaram e juntos formamos uma família.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender e descrever o processo de transformação da economia da aldeia mãe Barra Velha, do Território de Barra Velha, localizado no município de Porto Seguro, no sul da Bahia, durante o início da pandemia da COVID-19. Aborda-se, principalmente, como as pessoas buscaram possibilidades de sobrevivência diante da paralisação das atividades que geravam renda para suas famílias, compreendendo a economia local, as dificuldades enfrentadas e as soluções encontradas pelas pessoas da comunidade para tentar manter seu sustento e de suas famílias. A pesquisa foi desenvolvida a partir de dois instrumentos, entrevistas e um questionário *Google Forms*. As entrevistas foram desenvolvidas com quatro pessoas que atuavam em diferentes atividades, principais geradoras de renda para a comunidade: atividades relacionadas ao turismo, as atividades dos professores, a pesca e o artesanato. O questionário, que foi divulgado via grupos de *WhatsApp*, permitiu ampliar as percepções, pois atingiu mais pessoas. As entrevistas permitiram compreender como essas atividades foram afetadas e se relacionam na constituição econômica da aldeia. Com este estudo, aprendemos que apesar de todas as dificuldades enfrentadas, o povo Pataxó de Barra Velha soube buscar em suas memórias os conhecimentos tradicionalmente praticados pelo nosso povo em nossa comunidade e encontrou na terra, no mar e no mangue as soluções para enfrentar a pandemia. Além disso, que foram ampliadas as possibilidades de utilização das redes sociais para manutenção da venda de artesanatos. Assim, este trabalho registra a resiliência do povo Pataxó da aldeia mãe Barra Velha na luta para sobreviver e vivenciar seus costumes tradicionais, especificamente no primeiro ano da pandemia da COVID-19.

Palavras-chave: Pandemia; Barra Velha; Economia; Atividades Tradicionais; Resiliência Indígena

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Escola Indígena de Barra Velha da sede	10
FIGURA 2	Escola Indígena Pataxó de Barra Velha	11
FIGURA 3	Formatura do Ensino Médio	13
FIGURA 4	Reunião com as lideranças das aldeias próximas e de Barra Velha sobre as decisões em relação ao fechamento das entradas	19
FIGURA 5	A Ponte do Porto do Boi e a Guarita	19
FIGURA 6	Foto de Alex Pinheiro	23
FIGURA 7	Foto de Erilsa Braz dos Santos	24
FIGURA 8	Foto de Romildo Alves Ferreira dos Santos	25
FIGURA 9	Iomany Pataxó	26
FIGURA 10	Escola Indígena de Barra Velha durante a pandemia	57
FIGURA 11	Colar de Ritual	58
FIGURA 12	Passeio de buggy	59
FIGURA 13	Bugueiros na pandemia	59
FIGURA 14	Agricultura familiar	60
FIGURA 15	Pesca coletiva	60
FIGURA 16	Barco de pesca	61
FIGURA 17	Peixe “o pedaço”	61
FIGURA 18	Mariscagem	62
FIGURA 19	Uma forma de transportar mercadorias para troca (escambo) no território	64

SUMÁRIO

1	UM POUCO DA NOSSA HISTÓRIA	9
2	DEFININDO O TEMA DO PERCURSO: ESCOLHAS E JUSTIFICATIVAS	17
3	METODOLOGIA	22
4	ENTREVISTAS COM OS COLABORADORES DA PESQUISA	28
4.1	Alex Pinheiro	28
4.1.1	Primeiras informações sobre a pandemia e decisões coletivas	28
4.1.2	Buscando alternativas	29
4.1.3	A importância da pesca	30
4.1.4	Enfrentamento da pandemia na aldeia	32
4.1.5	O que mudou e o que voltou a ser praticado	33
4.2	Erilsa Braz dos Santos	34
4.2.1	Primeiras informações sobre a pandemia e decisões coletivas	34
4.2.2	A situação dos professores	35
4.2.3	Impacto na renda das famílias da comunidade com a chegada da pandemia	37
4.2.4	Buscando alternativas	38
4.2.5	Enfrentamento da pandemia na aldeia	40
4.3	Romildo Ferreira	40
4.3.1	Primeiras informações sobre a pandemia e decisões coletivas	40
4.3.2	A dependência do turismo para a renda da família	41
4.3.3	Dificuldades geradas pela pandemia	41
4.3.4	Buscando alternativas	42
4.3.5	Retomada do turismo	43
4.3.6	Enfrentando a doença	44
4.4	Iomani Pataxó	44
4.4.1	Primeiras informações sobre a pandemia	44
4.4.2	O artesanato: produção e projeto <i>Pakihe Pataxó</i>	44
4.4.3	Pandemia: mudança na rotina e dificuldades	46
4.4.4	Impactos na venda dos artesanatos, novas estratégias de venda	46
5	QUESTIONÁRIO	49

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIA	65
	ANEXOS	66

1- UM POUCO DA NOSSA HISTÓRIA

Meu nome é Rodrigo Braz da Conceição, sou indígena do povo Pataxó, nasci no ano de 1997, na aldeia indígena de Barra Velha, conhecida como aldeia mãe, no Território Barra Velha, no município de Porto Seguro, no extremo sul do estado da Bahia. A aldeia Barra Velha é conhecida como aldeia mãe, por ter sido a primeira aldeia do povo Pataxó, e está localizada no Território Indígena de Barra Velha, no parque nacional Monte Pascoal. Atualmente, a aldeia Barra Velha tem em média 500 famílias e cerca de 3.000 moradores.

Sou filho de Sanaré Ferreira Conceição e Iracy Braz Vieira e tenho quatro irmãos. Quando nasci, meus pais moravam em um lugar chamado “Prego”, uma roça próximo da aldeia Barra Velha, onde morei até os dois anos de idade. Meus pais me contaram que na aldeia, naquela época, ainda eram muito escassas as possibilidades de empregos. A fonte de renda deles era a roça, o plantio de mandioca, abobora, milho, feijão, melancia e outros tipos de plantas que eram muito cultivadas.

Na época em que meu pais amasiaram (juntaram), meu pai tinha dezessete e minha mãe tinha dezesseis anos de idade. Como eles não tinham emprego, eles viviam da roça. Naquela época, uma alternativa muito usada era o escambo. Meus avós, tios e pais saíam da roça com frutas, verduras e plantas e iam até a aldeia Barra Velha e até Corumbau, que fica a 6 km de Barra Velha, para trocar por peixe, carne, arroz e outros alimentos. Em 2002, meu pai começou a trabalhar como brigadista no IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), para que pudéssemos ter uma condição melhor.

Meus avós paternos e meus pais contam que o principal motivo de ter se mudado da roça para dentro da aldeia foi a frequente aparição de um “Boitatá”. Eles relatam que todas as noites eles viam um “Boitatá”, criatura que para muitos é folclórica e que tem uma forma de “bola de fogo”. De acordo com eles, todas as noites essa criatura vinha até nossa casa. Então, meus tios e meus avós, que moravam um pouco afastado, avistavam um fogo em cima da nossa casa. Por esse motivo, mudamos e passamos a morar dentro da comunidade, na aldeia mãe Barra Velha.

Não tenho muitas lembranças de minha infância, mas me lembro das brincadeiras que eu e meus primos gostávamos de brincar. Em tempos de chuva na aldeia, a gente

gostava de fazer jangadas de tora de banana para descer pela corredeira da Lagoa de Fora e, também, quando íamos para lagoa gostávamos de fazer guerra de mangaba mole, que tem muitas aqui nos campos. Outras brincadeiras eram futebol e Pega Pega, Uca Uca e Pati miú ka'ai, estas são modalidades tradicionais do povo indígena Pataxó. Recordo, também, que quando criança, gostava de fazer laços e quebra, duas armadilhas que eram feitas para pegar animais nos brejos e matas próximas, com essas armadilhas pegávamos saracura, saruê, preás e alguns pássaros.

A minha trajetória escolar foi toda na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha. Meus primeiros professores, que eu me lembro, foram Geane, Edinajara e Genival. Até a 5ª série, estudei na escola Indígena Barra Velha da sede que é um anexo da Escola Principal (Escola Indígena Pataxó de Barra Velha) e depois passei a estudar na escola principal da aldeia. Os meus colegas de turmas foram quase todos os mesmos ao longo desses anos e, até hoje, temos uma ligação e proximidade, é como uma família que criamos, afinal foi uma parte da vida convivendo juntos.

FIGURA 1: Escola Indígena de Barra Velha da sede



Fonte: Arquivo pessoal do autor

FIGURA 2: Escola Indígena Pataxó de Barra Velha



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Em 2004, pouco depois que viemos morar na aldeia, meu pai começou a trabalhar como motorista da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e, por alguns anos, ele permaneceu nesse serviço, que ajudou muito na renda da família. Mas as coisas começaram a melhorar, realmente, quando meu avô começou a vender balas e doces na janela de sua casa. Não falo em mudar no sentido financeiro, mas sim no sentido de objetivos para futuro, pois foram nessas pequenas vendas que meu avô fazia que meu pai deixou o emprego de motorista e começou a trabalhar com comércio. Meu pai começou como muitas pessoas, com poucas mercadorias: uns pacotes de arroz, feijão, açúcar, óleo de soja e sal. Aos poucos as coisas foram mudando, foi um investimento que no início parecia não dar retorno, mas meu pai insistiu e com força de vontade e a fé em Deus as

coisas começaram a melhorar. Ele montou um ponto de comércio e focou para que ele crescesse, nossa família que vivia apenas da roça viu ali uma saída para crescer financeiramente.

Nem meu pai, nem meus tios tiveram a oportunidade de dar continuidade aos estudos, pois naquela época só tinha até a 5ª série aqui na aldeia. Naquela época, só dava continuidade aos estudos quem tinha disposição e um pouco mais de condições para ir estudar em Monte Pascoal, onde tinha a escola mais próxima que ofertava as séries seguintes. Então, eles só estudaram até a 5ª série e logo iam para as roças ajudar meus avós no cultivo delas.

Atualmente, meu pai tem dois pontos de comércio na aldeia, principais fontes de renda de toda a família. Quando o comércio do meu pai começou a crescer, meus tios começaram a vir trabalhar com meu pai, especificamente minha tia Ytuinã Ferreira Conceição e meu tio Benedito Ferreira Conceição. Eles começaram a trabalhar como funcionários do meu pai e logo ficaram no caixa do mercadinho. Como meu pai tinha que ir até a cidade fazer as compras para o mercado, eles revezavam os horários para ficar no caixa. Até hoje em dia, eles e outros familiares permanecem trabalhando no mercado juntamente com meu pai.

Minha mãe sempre fabricou e vendeu artesanato, com o conhecimento que foi passado por minha avó Maria D'Ajuda. Lembro que quando era criança, minha mãe fazia artesanato para vender junto com outras artesãs. Ela também era do grupo de marisqueiras da aldeia de Barra Velha. Hoje em dia, além de ser dona de casa, ela trabalha com meu pai na gerência do mercadinho.

Na minha infância, eu e meus amigos gostávamos de participar do grupo de cultura da aldeia, passávamos boa parte do tempo no centro cultural da Mata do Saco, que ficava em um lugar da aldeia chamado Saco. O centro recebia visitantes e as vezes eram feitas até gravações para reportagens e documentários sobre a vida e a cultura do povo Pataxó. O centro deixou de existir já há alguns anos, o local hoje é apenas mata. Nesse espaço, com o convívio com os mais velhos, a gente aprendia algumas coisas sobre os animais, insetos e plantas da floresta, a gente aprendia a identificar os animais pelos sons, por pegadas e os locais onde eles costumavam viver e frequentar e assim abrir possibilidades de fazer armadilhas para captura-los. Também, aprendia a identificar os

perigos como as cobras venenosas, aranhas e outros bichos que tinham na mata da aldeia. Hoje em dia, dificilmente as crianças da aldeia vão até a mata para fazer algum tipo de tarefa, apenas aquelas que acompanham os pais em alguma atividade como pegar lenha ou alguma planta para fazer algum tipo de remédio ou tirar alguma árvore para algum outro uso.

Nunca morei em outra aldeia, minha vida foi toda dentro da comunidade, acho que por isso também não me imagino morar em outro local que não seja aqui, a adaptação acredito que seria bastante difícil. Meus pais que passaram mais de um ano morando em outra aldeia chamada Guaxuma, fica um pouco distante daqui da nossa comunidade, quando eles mudaram para lá eu estava na metade do ano letivo e não quis sair aqui da aldeia durante esse período, fiquei morando com minha tia Ytuinã e dei sequência aos meus estudos aqui mesmo na aldeia, formei no Ensino Médio no ano de 2014. Nas nossas formaturas aqui na comunidade, os formandos são tradicionalmente trajado com os adereços do nosso povo e a nossa não foi diferente.

FIGURA 3: Formatura do Ensino Médio



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Eu não tinha uma área em que desejava estudar depois que formei no Ensino Médio. Então, comecei a trabalhar no mercado do meu pai por um tempo, mas foi difícil me adaptar, pois o trabalho no comércio deixa a pessoa muito presa, quem vive de comércio vive para aquilo e não tem tempo para outra coisa durante o dia a dia. Foi quando conversando com meus pais que eu comecei a trabalhar com turismo, com os

passeios de buggy. Na época, tinha uma moto que vendi e comprei o buggy, para que eu pudesse trabalhar.

O trabalho de bugueiro não é legalmente reconhecido como uma profissão no Brasil, mas está em processo de profissionalização. Nessa profissão, eu me adaptei bem rápido porque gosto muito de conversar com as pessoas e é um trabalho que demanda muito a comunicação. Além de ser motorista, é preciso ser guia turístico. Mas como esse trabalho de buggy tem um fluxo muito grande apenas no verão, durante o resto do ano é preciso buscar outros meios.

Em um certo dia, no ano de 2017, fui visitar meus pais quando eles ainda moravam no Guaxuma, lá fui convidado pelo diretor da Escola Tinguí Pataxó Guaxuma para lecionar em sala de aula para as crianças. Nessa aldeia, tinha poucos professores e as turmas funcionavam como classes multisseriadas. Quando recebi o convite, logo percebi que eu não estava preparado para lecionar, pois é preciso além do conhecimento, várias outras coisas para ser um professor, planos de aula, saber lidar com cada aluno e com a turma, além do professor ser um espelho (exemplo) para seus alunos. Eu não aceitei o convite porque achei que os alunos precisavam de alguém mais capacitado. Foi nesse período que decidi fazer o vestibular do FIEI.

Naquela época, os professores da minha aldeia já conversavam bastante com a gente sobre o FIEI, algumas pessoas da minha aldeia já tinham se formado nesse curso e outros estavam cursando. No início do ano de 2018, passei no vestibular para o FIEI, foi uma conquista para mim e para minha família, meus pais ficaram muito orgulhosos porque eu estava tendo a oportunidade que eles nunca tiveram de ingressar em uma universidade.

Quando recebe a notícia que tinha passando no vestibular do FIEI me veio muitas coisas em mente, estava me sentindo muito feliz em poder deixar minha família orgulhosa, eu sou o primeiro membro da família a ingressar em uma universidade federal. Mas, também, surgiram vários anseios, entre eles o medo em ter que sair de casa, de sair da minha aldeia e ficar longe de minha família, ter que ir para cidade grande, para outro estado, e de conviver com outras pessoas. No início, a adaptação foi bastante complicada, o clima era diferente e principalmente a alimentação, mas com tempo a gente foi se acostumando e se adaptando a esse novo mundo, conviver em uma cidade grande, com

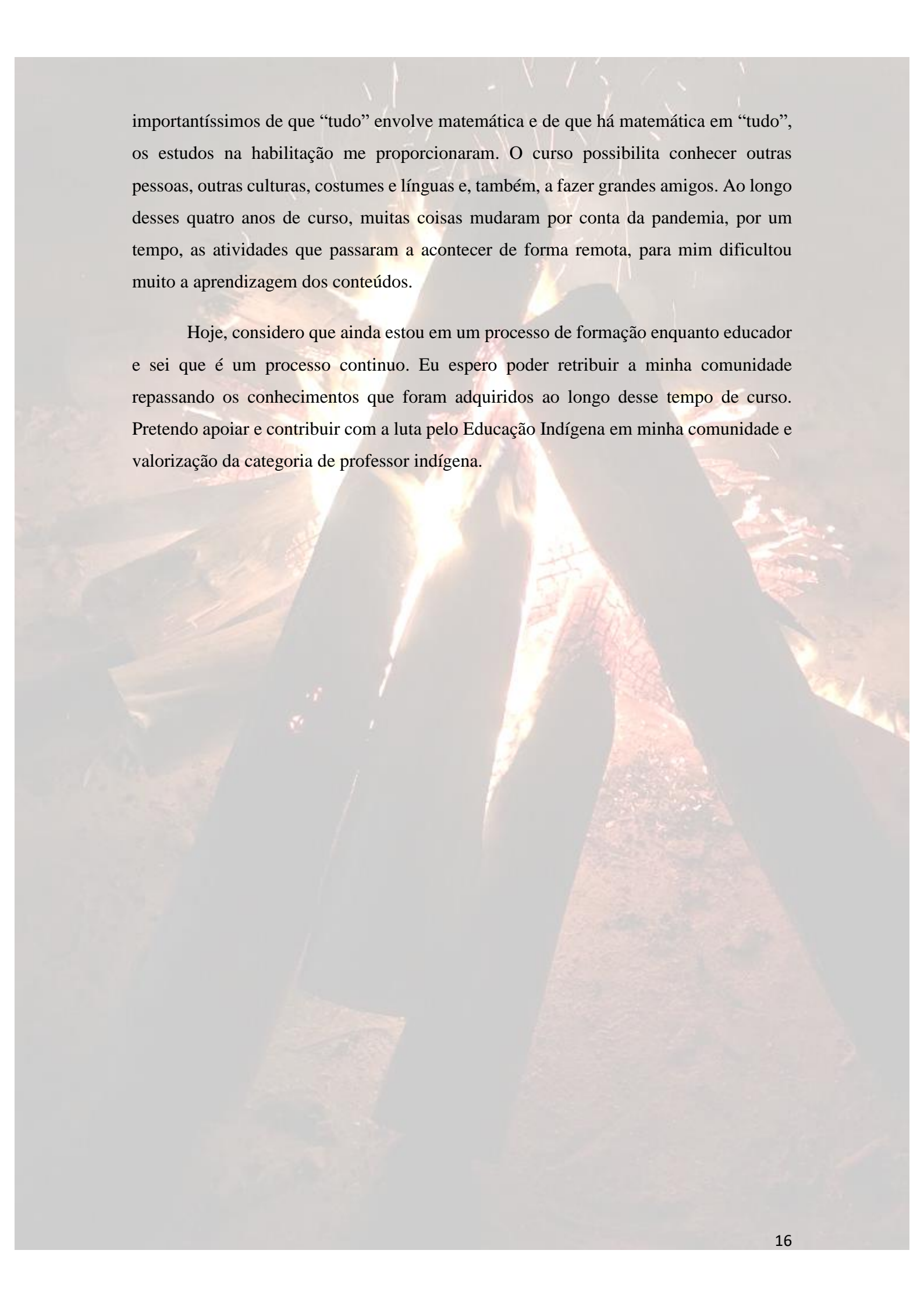
costumes muito diferente dos costumes do nosso povo. Aos pouco fomos tendo essa interação, essa troca de conhecimento, não só dentro de sala de aula, mas também fora dela.

No ano de 2018, aconteceu nosso primeiro módulo em Belo Horizonte e foi bastante complicado para mim, pois eu nunca tinha viajado para outro estado sem minha família, a adaptação foi difícil, o clima é diferente, a alimentação é diferente, o ambiente, a rotina e com a família longe, tudo era diferente. Mas com o tempo, a gente foi se acostumando, conhecendo os lugares e as pessoas, como funcionava a convivência com outros povos e outras culturas que nos ajudam a enriquecer os conhecimentos pessoais e a experiência de vida.

Durante o curso, passamos por diversas experiências de vida, boas e ruins, que servem de aprendizado e lição para o resto de nossas vidas. Hoje, nós estamos seguindo para a parte final do curso e, em tempos de pandemia, as aulas e as trocas de experiência tem sido bastante prejudicadas. Eu permaneço no meu trabalho como bugueiro, buscando de alguma forma ajudar minha família e minha comunidade, estamos buscando nos proteger das enfermidades que a cada dia aparecem e tendo fé que essa fase ruim logo, logo irá passar.

Durante o curso me casei e tive uma filha que se chamou Ytehemã, mas que Deus a levou deste mundo antes mesmo que eu a conhecesse, mas não deixamos de seguir. Pouco tempo depois, eu e minha esposa Carol, tivemos a benção de um menino, o pequeno Heytor, que Deus nos enviou para iluminar nossas vidas. Ele nasceu em 2020 e a cada dia nos alegra com sua presença. E nesses tempos de pandemia, aprendemos a dar mais valor à família, às coisas simples da vida que sem perceber são as mais importantes. São milhares de pessoas morrendo pelo mundo, milhares de famílias perdendo seus entes queridos e de uma forma ou de outra buscando forças para seguir.

Falando um pouco do curso, tive a oportunidade e o privilégio de ter como meus professores grandes pessoas, grandes indigenistas que nos ajudaram muito em todo esse processo de adaptação, além de compreender nossas dificuldades e nossas lutas. As experiências vividas dentro de sala de aula me fez perceber que o processo de se tornar um professor não é algo simples, principalmente um professor indígena, e que um professor é também um gestor de pessoas. Aprendizagens e ensinamentos



importantíssimos de que “tudo” envolve matemática e de que há matemática em “tudo”, os estudos na habilitação me proporcionaram. O curso possibilita conhecer outras pessoas, outras culturas, costumes e línguas e, também, a fazer grandes amigos. Ao longo desses quatro anos de curso, muitas coisas mudaram por conta da pandemia, por um tempo, as atividades que passaram a acontecer de forma remota, para mim dificultou muito a aprendizagem dos conteúdos.

Hoje, considero que ainda estou em um processo de formação enquanto educador e sei que é um processo contínuo. Eu espero poder retribuir a minha comunidade repassando os conhecimentos que foram adquiridos ao longo desse tempo de curso. Pretendo apoiar e contribuir com a luta pelo Educação Indígena em minha comunidade e valorização da categoria de professor indígena.

2- DEFININDO O TEMA DO PERCURSO: ESCOLHAS E JUSTIFICATIVAS

Em uma proposta inicial para o percurso, escrevi meu tema como *as transformações econômicas na aldeia Barra Velha*, um tema ainda amplo, mas que encontrava respaldo na história de minha família e que me despertava interesse. Com a chegada da pandemia da COVID-19 na comunidade e com o fechamento da aldeia e vilarejos próximos, surgiram vários problemas na nossa comunidade. Então, despertei o interesse por pesquisar sobre as mudanças e os desafios enfrentados pelas famílias e pela comunidade decorrentes da pandemia da COVID-19 a partir dos impactos gerados às principais atividades que geram renda para as famílias da comunidade: a pesca, o artesanato, o turismo e a escola.

Pouco depois que começou o isolamento social na aldeia, foi iniciado o projeto de extensão intitulado *Levantamento e acompanhamento de ações desenvolvidas nas aldeias indígenas para o enfrentamento da pandemia e os seus efeitos na vida comunitária*, elaborado e implementado por nossa turma da habilitação em Matemática do FIEI e outros colegas do curso, nos diversos territórios e aldeias representados pelos estudantes da turma e de outros estudantes do curso¹. Juntamente com alguns colegas da turma que são de Barra Velha, buscamos observar os impactos causados pela pandemia na área da educação escolar indígena de Barra Velha, tendo como principal objetivo mostrar as ações da escola junto com a comunidade em meio a pandemia e outros métodos de ensino-aprendizagem que são passadas para as crianças no dia a dia da comunidade e também mostrar as dificuldades enfrentadas pelos professores com o descaso do município de Porto Seguro aos profissionais da educação².

Com a notícia dos primeiros casos da doença no Brasil e que rapidamente o vírus estava se espalhando por todo o país, houve uma grande preocupação em toda a região onde vivemos, principalmente nas comunidades indígenas, por ter um número grande de anciões e uma assistência à saúde muito fragilizada. A comunidade, acompanhando o que estava acontecendo, começou a se reunir para tomar decisões quanto ao enfrentamento da pandemia. A nossa maior preocupação na aldeia Barra Velha foi proteger nossos anciões

¹ O projeto realizou um WEB Seminário, organizado em três momentos nos quais os grupos apresentaram os trabalhos desenvolvidos para registrar as ações das comunidades indígenas no combate a pandemia de COVID-19 (Ver Flyer no Anexo I).

² Slides da apresentação do projeto (Ver Anexo II).

que é um dos principais grupos de risco, isso logo causou preocupação às lideranças e ao sistema de saúde.

Com os decretos³, para o fechamento de comércios e estabelecimentos, a comunidade de Barra Velha se mobilizou para buscar proteger a saúde de todos os moradores da comunidade do vírus. Uma das primeiras reuniões da comunidade teve a presença dos pais dos estudantes e dos professores da Escola Indígena Barra Velha e foi discutida a paralização das aulas na escola.

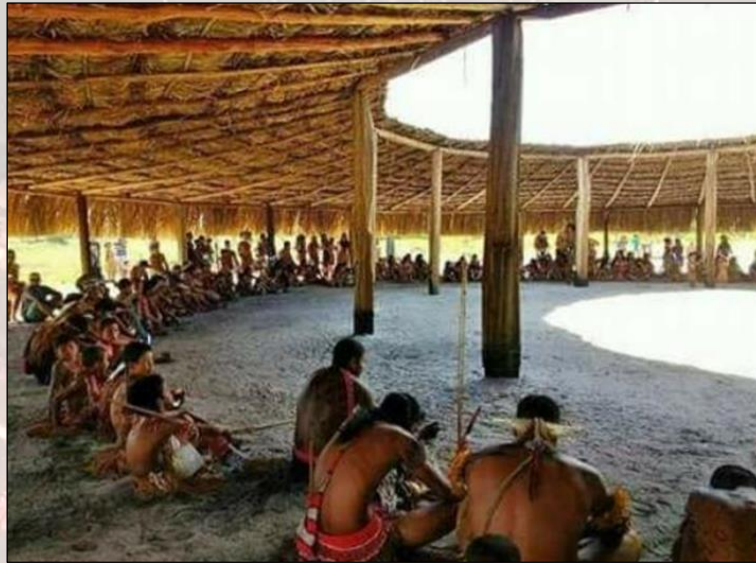
No dia 13 de maio de 2020, no salão comunitário da aldeia Barra Velha, aconteceu uma reunião da comunidade com moradores, lideranças e agentes de saúde para falar e discutir sobre o avanço do vírus pela região, da importância da prevenção, dos danos e impactos da doença à saúde de todos. Essa foi a segunda reunião que tinha como pauta questões relacionadas à pandemia da COVID-19, quando foi discutida a possibilidade de fechamento das estradas que dão acesso à aldeia, para que as pessoas não ficassem saindo da aldeia e vindo de outros lugares e, assim, expondo a si próprio e as outras pessoas da comunidade. Nessa reunião, ainda pouco se sabia sobre os danos que a COVID-19 causava à saúde e ainda não tínhamos ideia do impacto que ela causaria no país e no mundo.

Estava na pauta dessa reunião o fechamento da Ponte do Porto do Boi, principal ponto de acesso da aldeia Barra Velha e de comunidades vizinhas às cidades próximas. Foi decidido que as estradas seriam fechadas e só seriam liberadas a saída da aldeia em dois dias da semana e apenas para comerciantes irem à cidade abastecer estoques de seus comércios e, também, que os funcionários de saúde que trabalhavam nas aldeias teriam acesso livre. Nessa reunião, também, foi decidido que seria cobrado um valor para cada comerciante, esse valor seria para pagar um responsável para cuidar da cancela, fiscalizando a saída e entrada das pessoas.

A reunião foi muito polêmica, pois não foi consenso de todos que tudo havia parado e muitas pessoas estavam trabalhando na colheita de café nas fazendas vizinhas e era o único meio de sustento que algumas famílias tinham. Então, a decisão de fechamento da estrada causou indignação de várias pessoas.

³ Decreto 10.673 de 17 de Março de 2020. Disponível em:
<https://www.portosegurotur.com/portomaisseguro/?mw=legislacao>

FIGURA 4: Reunião com as lideranças das aldeias próximas e de Barra Velha sobre as decisões em relação ao fechamento das entradas



Fonte: Arquivo pessoal do autor

FIGURA 5: A Ponte do Porto do Boi e a Guarita

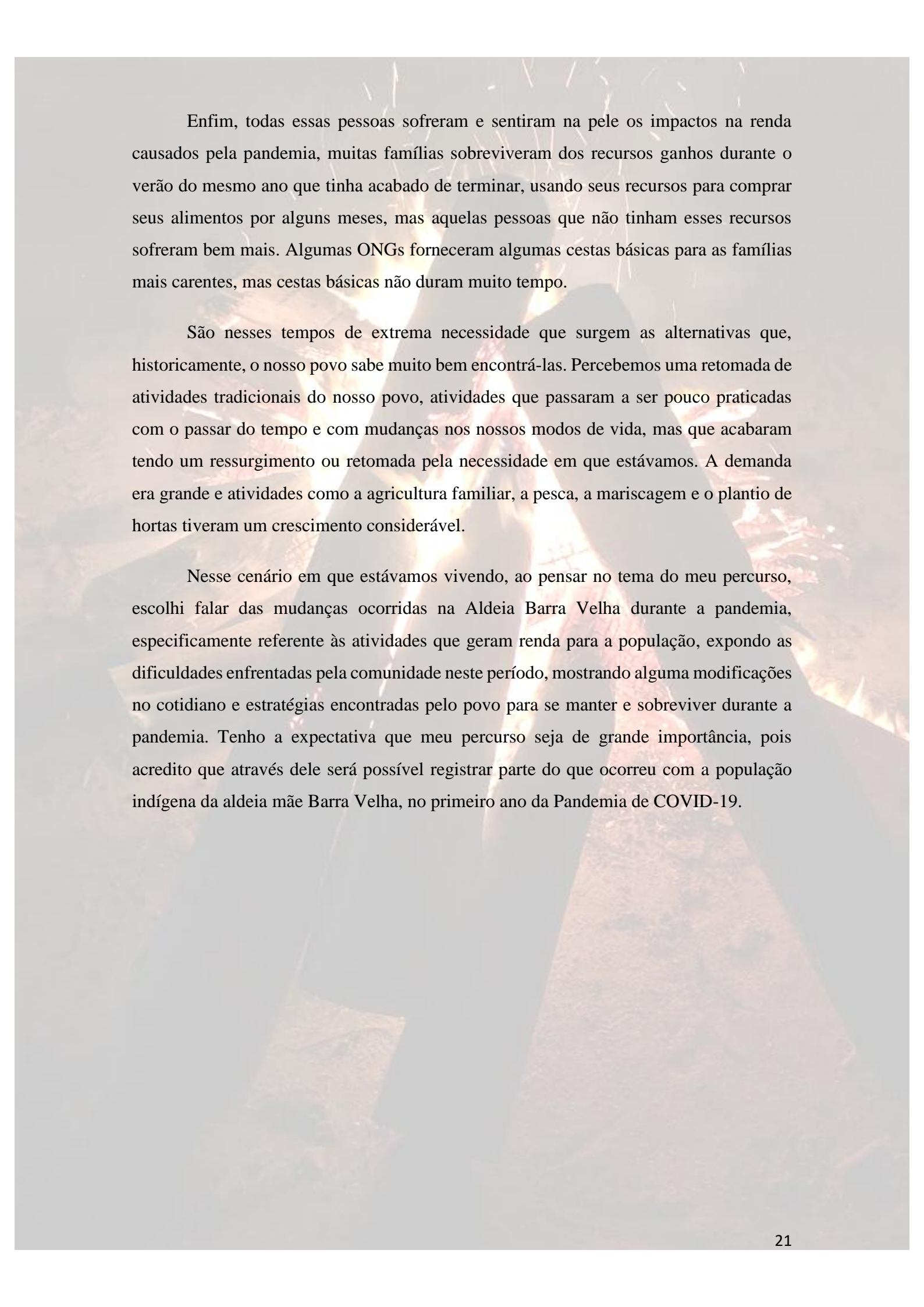


Fonte: Arquivo pessoal do autor

Essas medidas foram tomadas não somente na aldeia Barra Velha, mas também por Caraíva e Corumbau, que são vilarejos vizinhos. Tivemos grandes resultados no combate dessa doença, pois levaram vários meses até aparecer o primeiro caso confirmado de COVID-19 nas proximidades e, graças a Deus, no primeiro ano da pandemia não tivemos nenhum óbito em nossa comunidade por causa dessa doença e nem nas proximidades.

Pandemia, palavra antes pouco conhecida pelas pessoas aqui na aldeia se tornou bastante frequente no nosso cotidiano. No início, foi difícil para as pessoas entenderem a real gravidade da situação, pois não se imaginava que uma gripe que surgiu na china e que estava matando várias e várias pessoas pudesse chegar aqui. E, ainda pior, pudesse causar tantos danos à saúde e, posteriormente, matar. Para mim, também, era uma coisa nova. Desde o início, o curso FIEI já estava nos alertando sobre os perigos e desafios da doença, ajudando bastante a compreendermos que se tratava de algo que iria além de uma simples gripe e que isso poderia afetar drasticamente nossas comunidades. Participamos de palestras, recebemos textos e tivemos aulas explicando os efeitos, sintomas e perigos da doença à saúde da população e, principalmente, pelo fato da população indígena ser historicamente muito afetada por doenças trazidas para dentro das aldeias. Essas ações nos ajudaram a compreender os perigos da situação em que o país e o mundo estava passando e que deveríamos conscientizar as pessoas a se protegerem e protegerem suas famílias, com o uso de máscara, álcool em gel e que as ações tomada pelas lideranças junto à comunidade de fechar os acessos a comunidade foi a melhor decisão a ser tomada. Essas ações eram de grande importância para proteger a todos, tendo nosso apoio e de grande parte dos professores e profissionais de saúde já cientes da situação em que se vivia.

Com o fechamento de tudo por aqui, percebemos um grande impacto no modo de vida das pessoas, inclusive nas atividades que geram renda para as famílias da aldeia. A comunidade que tem mais de 80% de sua renda vinda diretamente do turismo da região a partir das atividades dos artesões, bugueiros, caseiros, atividades vinculadas aos hotéis e pousadas (jardineiros, camareiras, cozinheiras, gerentes de pousadas) etc. Essas pessoas sofreram demais com tudo que estava acontecendo. Além deles, os funcionários do município, dentre eles as pessoas que trabalham diretamente com a escola como os professores, cozinheiras etc.



Enfim, todas essas pessoas sofreram e sentiram na pele os impactos na renda causados pela pandemia, muitas famílias sobreviveram dos recursos ganhos durante o verão do mesmo ano que tinha acabado de terminar, usando seus recursos para comprar seus alimentos por alguns meses, mas aquelas pessoas que não tinham esses recursos sofreram bem mais. Algumas ONGs forneceram algumas cestas básicas para as famílias mais carentes, mas cestas básicas não duram muito tempo.

São nesses tempos de extrema necessidade que surgem as alternativas que, historicamente, o nosso povo sabe muito bem encontrá-las. Percebemos uma retomada de atividades tradicionais do nosso povo, atividades que passaram a ser pouco praticadas com o passar do tempo e com mudanças nos nossos modos de vida, mas que acabaram tendo um ressurgimento ou retomada pela necessidade em que estávamos. A demanda era grande e atividades como a agricultura familiar, a pesca, a mariscagem e o plantio de hortas tiveram um crescimento considerável.

Nesse cenário em que estávamos vivendo, ao pensar no tema do meu percurso, escolhi falar das mudanças ocorridas na Aldeia Barra Velha durante a pandemia, especificamente referente às atividades que geram renda para a população, expondo as dificuldades enfrentadas pela comunidade neste período, mostrando algumas modificações no cotidiano e estratégias encontradas pelo povo para se manter e sobreviver durante a pandemia. Tenho a expectativa que meu percurso seja de grande importância, pois acredito que através dele será possível registrar parte do que ocorreu com a população indígena da aldeia mãe Barra Velha, no primeiro ano da Pandemia de COVID-19.

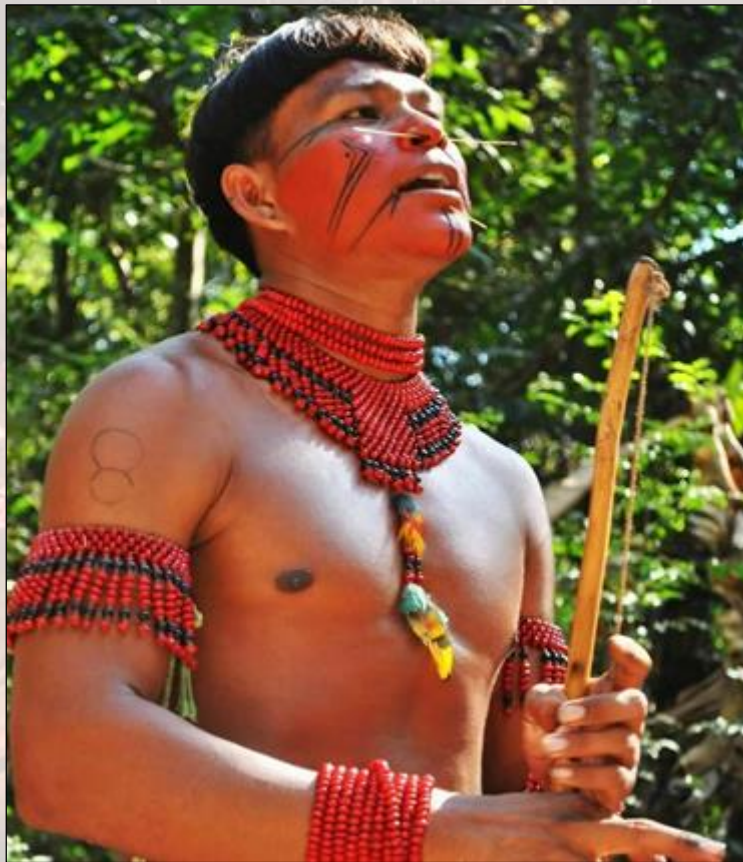
3- METODOLOGIA

Ao pensar em como desenvolver a pesquisa, logo me veio em mente procurar saber e escutar relatos de algumas pessoas que poderiam falar sobre as questões que interessavam para o tema deste percurso. Decidi escutar pessoas que trabalhavam antes da pandemia com pelo menos uma das seguintes atividades: como professor(a) em Barra Velha, com atividades relacionadas ao turismo, com a pesca e com o artesanato. Sendo essas as principais atividades responsáveis por gerar renda para as famílias da comunidade. Além disso, considerei o fato dessas pessoas terem se envolvido em outras atividades, após início da pandemia, como forma de buscar alternativas para o sustento de suas famílias. Para isso, realizei entrevistas com quatro pessoas, buscando contemplar essas atividades.

O primeiro entrevistado foi Alex Pinheiro, 32 anos de idade, filho de Antônia Ferreira Pinheiro e José da Conceição Pinheiro, casado com Clécia Santos Nascimento e juntos tem 3 filhas⁴. Antes do início da pandemia, ele atuava como professor na escola Indígena Pataxó de Barra Velha e atuava como bugueiro, durante o verão, na ABIPABV (Associação de Bugueiros Indígenas Pataxó de Barra Velha). Com a chegada da pandemia, todas essas atividades foram diretamente afetadas e ele não tinha mais suas fontes de renda. Foi durante esse período que Alex acabou vendendo seu buggy e comprou um barco de pesca. Alex é filho de pescador e quando criança acompanhava seu pai nessa atividade, isso lhe deu um conhecimento sobre o mar e a pesca. Alex, também, passou a trabalhar com agricultura familiar junto com outras famílias da comunidade.

⁴ Informação registrada em setembro de 2022.

FIGURA 6: Foto de Alex Pinheiro



Fonte: Arquivo cedido pelo entrevistado

A segunda entrevistada foi Erilsa Braz dos Santos, professora da Escola Indígena Pataxó de Barra Velha, com 42 anos de idade, filha de Maria Braz dos Santos e José Sales dos Santos, casada com Aurenilson da Conceição, juntos têm 5 filhos, tem 12 anos atuando como professora na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha⁵. Durante a pandemia, Erilsa, assim como vários outros moradores da comunidade, retomou uma atividade que, por diversos motivos, muitos tinham deixado de praticar: a agricultura familiar, o plantio e o cultivo de roças, como o plantio da mandioca, abóbora, milho, melancia e outros alimentos. Além disso, Erilsa, se dedicou à criação de galinha caipira em seu quintal.

⁵ Dados referentes a setembro de 2022.

FIGURA 7: Foto de Erilsa Braz dos Santos



Fonte: Arquivo cedido pela entrevistada

O terceiro entrevistado foi Romildo Alves Ferreira dos Santos, atualmente está com 56 anos de idade, filho de Luciano Alves dos Santos e Maria D'ajuda Santana Ferreira, tem 5 anos que trabalha com turismo, é casado com Ildina Pataxó e juntos tiveram 11 filhos⁶. Romildo Ferreira atuava como representante de turismo no município de Porto Seguro e também como fiscal na guarita Pataxó, ponto de apoio e fiscalização dos buggys. Com a paralização dos trabalhos, Romildo buscou outros meios de subsistência, principalmente o cultivo da terra, ele cultivou em seu quintal uma horta para ter seu próprio alimento como alface, tomate, couve, cebolinha, abobora, hortelã grosso e pimenta doce.

⁶ Dados referentes a setembro de 2022.

FIGURA 8: Foto de Romildo Alves Ferreira dos Santos



Fonte: Arquivo cedido pelo entrevistado

A quarta entrevistada foi Iomany Pataxó. Iomany Pataxó tem 30 anos de idade, filha de Romildo Alves Ferreira dos Santos e Ildina da Conceição Ferreira, tem três filhos e é mãe solteira, desde criança acompanha sua mãe na venda e confecção dos artesanatos e sempre atuou como artesã.⁷ Iomany trabalhava viajando, vendendo seus artesanatos e dando palestras por escolas de todo o país. Com a pandemia, essa atividade se tornou

⁷ Dados referentes a setembro de 2022.

impossível de ser realizada. Então, ela buscou outros meios para a venda de seus produtos, que foi pela internet. Ela passou a divulgar seu trabalho e de outras pessoas da comunidade e passou a vender pela internet. Além disso, também vendeu polpa de mangaba, fruta que por aqui, em algumas épocas do ano, tem em abundância, a polpa é utilizada para fazer suco, mousses, geladinho e doces.

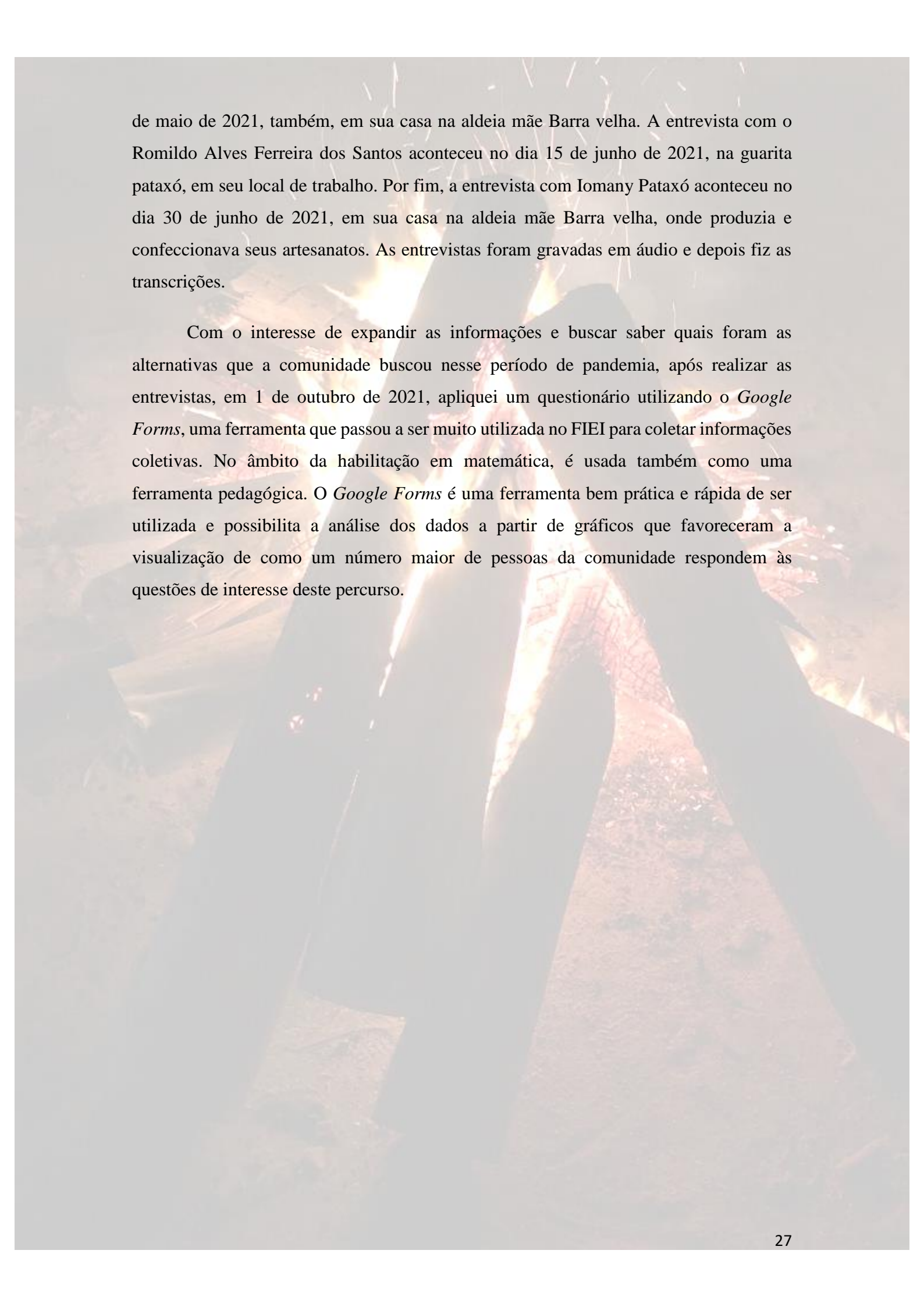
FIGURA 9: Iomany Pataxó



Fonte: Arquivo cedido pela entrevistada

É importante esclarecer que a realização das entrevista esteve condicionada às condições de interação com os entrevistados em tempo de pandemia. Consideramos que conseguimos ter um bom diálogo com os entrevistados, apesar dos diversos imprevistos decorrente do tempo de pandemia.

A entrevista com o Alex Pinheiro foi realizada no dia 18 de maio de 2021, em sua casa, na aldeia Barra Velha. A entrevista com Erilsa Braz dos Santos aconteceu no dia 31



de maio de 2021, também, em sua casa na aldeia mãe Barra velha. A entrevista com o Romildo Alves Ferreira dos Santos aconteceu no dia 15 de junho de 2021, na guarita pataxó, em seu local de trabalho. Por fim, a entrevista com Iomany Pataxó aconteceu no dia 30 de junho de 2021, em sua casa na aldeia mãe Barra velha, onde produzia e confeccionava seus artesanatos. As entrevistas foram gravadas em áudio e depois fiz as transcrições.

Com o interesse de expandir as informações e buscar saber quais foram as alternativas que a comunidade buscou nesse período de pandemia, após realizar as entrevistas, em 1 de outubro de 2021, apliquei um questionário utilizando o *Google Forms*, uma ferramenta que passou a ser muito utilizada no FIEI para coletar informações coletivas. No âmbito da habilitação em matemática, é usada também como uma ferramenta pedagógica. O *Google Forms* é uma ferramenta bem prática e rápida de ser utilizada e possibilita a análise dos dados a partir de gráficos que favoreceram a visualização de como um número maior de pessoas da comunidade respondem às questões de interesse deste percurso.

4- ENTREVISTAS COM OS COLABORADORES DA PESQUISA

As apresentações das entrevistas seguem na sequência em que foram realizadas e estão organizadas a partir de aspectos que cada uma delas favoreceu identificar.

4.1- Alex Pinheiro

[...] Então foi um pouco disso, da minha transformação de ser professor, de não ter mais alternativa de ir para sala de aula, não ter mais alternativa de trabalhar com o turismo. Então eu busquei a pesca, aí hoje eu estou atuando na pesca, na verdade estou me dividindo para o retorno as aulas novamente.

4.1.1- Primeiras informações sobre a pandemia e decisões coletivas

Rodrigo: Como chegou para você e sua família a informação sobre a pandemia aqui na região e na aldeia?

Alex: Primeiramente, boa noite, todo mundo me conhece como Alex, meu nome indígena é Urukuruna. Atualmente, eu tô na coordenação aqui na escola Indígena Pataxó de Barra Velha. E como essa informação da pandemia veio por meio do próprio decreto. Como a gente estava atuando na escola, aí então, veio o decreto do estado determinando a paralisação das aulas. Até então, a gente não tinha informação nenhuma referente a esse vírus dessa pandemia, não sabia o que se tratava. E muitos, até nossos colegas, também enquanto professor, ignorava o que era isso, por ser algo novo, não sabia o que era COVID, o que era esse tal de vírus que está matando, no início não tinha tanta informação referente a isso. A gente veio dar mais atenção a esse vírus, a essa COVID, por meio do decreto do estado. Então, a partir daí, veio também as informações por jornais, aí a gente ficou sabendo dessa forma. Então, a escola a partir do dia 16, a escola de Barra Velha paralisou no dia 16 de Março de 2020. A partir daí, começou uma nova rotina, mas foi por meio disso que a gente ficou sabendo desse COVID. Se tratando do COVID, com isso, com paralisação das aulas e a maioria dos professores daqui da escola de Barra Velha são todos por meio de contrato temporário e então, como paralisou o contrato, também o nosso como imediato foi cancelado, foi cortado. Aí a gente começou a pensar em outra alternativa porque a gente tinha aquela rotina já de escola, então, por decisão da direção e comunidade, por se tratar de um vírus fatal como vem acontecendo, se pensou dar continuidade nas aulas de forma remota ou de forma híbrida. E também, até o momento não tinha conhecimento na hora de como que se lidava com isso, é algo novo pra nós ainda. Então, por decisão da

comunidade, se decidiu fechar as portas da escola, é uma decisão coletiva da comunidade, lideranças, pais de alunos e professores, aí se fechou.

4.1.2- Buscando alternativas

Alex: [...] Então, a gente começou a buscar outras alternativas porque a gente tinha conta para pagar, a gente tinha que colocar o café da manhã, o pão de cada dia em casa. Então, a gente teve que buscar outras alternativas, eu principalmente, eu já vinha atuando como bugueiro também e mais, só que como foi uma forma, né, que deu fechamento de todas atividades e o passeio de buggy no qual eu trabalhava também [...], também é uma forma de sobrevivência nossa e até então também foi paralisada, tudo da lei que tinha que parar tudo. Essa atividade de buggy se trata de passeio de turismo, então [...] de Porto Seguro, mas acredito que todas atividades turísticas foram canceladas, daí eu optei por desfazer de um veículo meu [...] o buggy que eu trabalhava com continuidade de passeio e optei por comprar um barco. Porque a pesca na terceira opção, na primeira é a escola, segundo é o passeio de turismo, a terceira é a pesca, outra atividade que eu tenho facilidade, que eu domino, eu sei trabalhar. Então, eu optei pela compra de um barco até que a pandemia passasse e tudo se normalizasse novamente. Então, aí eu busquei essa outra alternativa da pesca, eu partir pro lado da pesca, comecei a trabalhar e uma atividade que não tinha muita interferência e ia também contribui com a comunidade, eu acredito, porque eu tinha que pensar na minha sobrevivência, pagar minhas contas, eu tinha que pagar e também era uma coisa que eu sabia fazer. Aí eu comecei a pescar e também é uma forma de trazer para comunidade porque o turismo já não tinha como mais a gente buscar uma alternativa do turismo, a escola também não e a boa parte da comunidade já estava também quase entrando em desespero, de contribuição de sexta básica. E o peixe também é mais consumido dentro da comunidade. Então, eu optei por essa área assim como os outros colegas também já vinham trabalhando com a pesca. Então, a gente conseguiu manter um certo sustento para comunidade. [...]

Rodrigo: A pesca foi a única atividade que você e sua família buscaram, assim de subsistência na pandemia, ou vocês buscaram outra atividade, assim como agricultura?

Alex: Não, teve sim outra alternativa, logo no início eu consegui comprar o barco, foi uma conquista também. Não foi de imediato que conseguir comprar o barco, teve um

certo desafio também e antes de comprar o barco a gente trabalhou muito com agricultura familiar. Então, boa parte das famílias se juntaram não só a nossa como outras da comunidade, se juntaram e começaram a fazer trabalho em mutirão, teve o apoio também da associação comunitária, né, com ajuda de aração de terra para que as famílias trabalhassem com agricultura. [...] como a comunidade hoje, a sua sobrevivência hoje, ela circula, eu acho que 90% a 95% do turismo, como isso paralisou, a outra alternativa era agricultura familiar. Então, a gente também procurou se enquadrar nela. Aí a gente começou a também fazer roça, plantio de feijão, milho, mandibas (a mandioca), para produção de farinha, não só a produção de farinha, como bolo, beiju, aí a gente começou fazer essa agricultura familiar com hortas também. Então, foram outras alternativas que a gente buscou até eu conseguir comprar o barco, que eu vinha trabalhando com atividade de pesca com os outros colegas, sempre eu ia pescar. Então, eu consegui comprar o barco e comecei a trabalhar para mim mesmo na atividade de pesca, mais antes disso eu busquei essa outra forma, a agricultura familiar e horta.

4.1.3- A importância da pesca

Rodrigo: A pesca foi a principal atividade que você praticou durante a pandemia, como você descreve a importância para sua família e comunidade durante esse período?

Alex: É porque nosso povo é um povo que consome bastante o pescado, não só o peixe, mas todo tipo de pescado, de marisco, tanto do mar quanto do mangue, mas o peixe é bastante consumido. Eu acabei que meio criando uma coisa com outra, como eu tinha conta para pagar e a comunidade e também por ser um produto mais em conta do que a própria carne em si, que vende o próprio frango, muitos não consomem muito porque são produtos meio que congelados. O peixe é bastante consumido. Então, eu optei pela pesca que eu de certa forma, eu estava também contribuindo com a sustância do pedaço. A gente tem o linguajar aqui dentro da comunidade é de falar do pedaço, né, o pedaço é o que a gente [...] a carne, frango, peixe e isso a gente considera como pedaço. E o que é mais consumido dentro da comunidade é o peixe, né. Então, eu optei de estar contribuindo também para está fornecendo com o pescado do peixe para a comunidade, e também conciliando com uma coisa que gostava de fazer e também pagando minhas

contas, foi uma das alternativas que eu busquei e no meu ponto de vista que acabou que dando certo.

Rodrigo: Durante a pandemia, a pesca foi a principal atividade que você praticou e serviu de sustento, de subsistência para sua família? Como você descreve a pesca, a importância dela na sua vida e na vida de sua família?

Alex: Ela foi fundamental porque eu consolidei uma atividade que eu gosto de fazer e uma oportunidade que eu tive de pagar minhas contas. Então assim, eu sou muito grato a essa atividade porque eu cresci com isso também. Meu pai, ele foi pescador por muito tempo, então acho que esse conhecimento de pescar, de conhecer a maré, conhecer essa atividade de pesca, tanto de rede quanto de linha, no mar, no mangue, eu aprendi tanto com ele quando pequeno. Então, me ajudou muito, porque eu já tive uma experiência que já vinha do meu pai, que eu acabei pegando, e nesse momento difícil ela acabou me ajudando, que eu tinha meu peixe para colocar alimento dentro da minha casa e também eu tinha um peixe para vender para pagar minhas contas. Então, isso foi bem fundamental para mim durante esse período.

Rodrigo: Você acredita que com o fim da pandemia a pesca ainda vai continuar fazendo parte da sua vida, você ainda vai continuar praticando a pesca?

Alex: Acredito que sim porque antes da pandemia eu já fazia essa atividade, eu apenas aproveitei dela também para hoje eu me manter, mas ela vai sim continuar. Hoje a gente já retomou as aulas, hoje eu também já estou atuando de voltas as aulas enquanto coordenador, já iniciou as aulas de forma remota e agora com esse compromisso com a escola porque eu fiz a minha formação, minha graduação na área de licenciatura para atuar enquanto professor, também estou atuando como coordenador e a gente faz um juramento de a gente contribuir com aquilo que a gente busca, né, no meu caso eu estudei para ser um professor e eu estou contribuindo para minha comunidade enquanto professor, né. Então, assim nesse primeiro momento a gente retorna com as atividades das aulas como uma prioridade, com a necessidade dos alunos, nossos filhos terem retorno às aulas. Então, eu volto com esse compromisso também, mas aí a pesca ela continua, nos finais de semana ou nos feriados, mas acredito que sim, ela vai permanecer comigo como sempre permaneceu.

Rodrigo: Você e sua família sofreram algum tipo de dificuldade durante a pandemia em relação a parte financeira?

Alex: Então, dificuldade financeira mesmo a gente não passou porque a gente meio que foi priorizando o que era necessário no momento, é como eu disse a atividade de pesca ajudou muito com a venda do próprio pescado. Então, a gente meio que ia se organizando, muitas dívidas também ficaram atrasadas porque a gente não conseguiu pagar em dia, mas assim, em termos de passar necessidade a gente não passou, a gente conseguia ter nosso pão de cada dia, conseguia ter para o necessário para se manter.

4.1.4- Enfrentamento da pandemia na aldeia

Rodrigo: Você acha assim que em relação à comunidade, conduziu o enfrentamento à COVID de uma maneira correta ou você acha que poderia ter modificado alguma coisa?

Alex: No meu ponto de vista, eu acho que sim, faltou um pouco mais da união, né. Apesar que teve muita ajuda, família que contribuiu com outra, mas assim, a gente poderia juntar mais e em termos de contribuição. E assim, a gente apesar de ser uma comunidade indígena, mas hoje infelizmente a gente tem aquela certa separação de padrão de família, de renda, essas coisas. A gente poderia ser mais solidário e a gente buscar mais projetos, acredito que a comunidade, o cacique tem esse poder de buscar, de reivindicar e trazer mais algo para comunidades. Teve, teve, não estou dizendo que não teve essas buscas, mas acredito que a gente poderia se ajudar mais, referente a isso, de buscar, de consolidar com outros, que talvez fosse mais necessitado que eu no momento. Então, eu acho que faltou um pouco disso, de ajuda mais ao próximo, houve essa ajuda, mas não da forma que eu acredito que a comunidade poderia fazer mais referente a isso.

Rodrigo: [...] Houve algum caso de COVID na família?

Alex: [...] e na família infelizmente a gente teve sim casos, [...], que teve né o COVID no início, mas assim, dentro da comunidade acredito que teve uma boa resposta, por ter um conhecimento das ervas medicinais, todos os indígenas que tiveram o COVID dentro da comunidade, nenhum teve caso grave, graças a Deus. A gente teve por conhecer de um banho, conhecer de um chá, de um sumo. Então, essa doença, ela foi combatida através de um conhecimento, do banho, do chá. Então, ela não teve casos grave de chegar ir pra UTI dentro da comunidade. Agora por parte da minha família mesmo, teve [...] teve um caso de COVID, [...] porém ela não é aldeada, ela é indígena, porém no momento não estava convivendo dentro da aldeia e ela contraiu esse vírus, e

esse vírus para ela está sendo bem, bem forte, ela não está conseguindo ainda ter uma recuperação favorável, ela continua na UTI, foi o único caso indígena do povo pataxó a ir para UTI, pelo menos que a gente conhece, foi a única indígena que teve esse caso de ir pra uma UTI e até o momento a gente não conseguiu ter um bom resultado, tem uma certa dependência dos aparelhos para respiração, infelizmente a gente ainda se depara com isso. Então, para a gente está sendo difícil, referente à doença em si porque a gente não tem como acompanhar, a gente não tem como comprar um remédio, a gente não tem como fazer um remédio medicinal porque como ela tá em uma UTI e boa parte da vida dela não foi dentro da comunidade indígena, então, dificultou mais. Como eu já disse, a gente que permanece dentro da comunidade indígena por ter esse conhecimento mais próximo e ser prático, então essa doença dos que pegaram não sofreu muito. Então, aqueles que estavam mais distante, no caso dela, e não teve esse acompanhamento por ervas e não se cuida logo, não se previne, ela acabou nessas consequências no qual ela se depara hoje.

4.1.5- O que mudou e o que voltou a ser praticado

Rodrigo: Com a chegada da pandemia se notou que várias situações vivenciadas aqui na aldeia, tinham algumas atividades que eram praticadas pela comunidade antes e que ao longo do tempo deixaram de ser praticadas, meio que voltou a ser bastante praticadas. Como que se descreve esse tipo de hábito que retornou na comunidade?

Alex: Então, como a gente pôde perceber com essa pandemia, não sei se eu posso falar dessa forma também, “tem mal que as vezes é para o bem”, quando a gente trata de comunidade, de trabalhos coletivos porque antes da pandemia a nossa comunidade, ela já vinha que se perdendo um pouco desse laço familiar, dessas atividades coletivas porque o capitalismo já circula bastante forte. Então muitas da sua família ou família particular, já não tinha mais esse olhar de ajudar ao próximo, de fazer o trabalho comunitário. Então com a pandemia, isso acabou se voltando novamente, um começando a ser solidário com o outro. E esse trabalho mesmo, agricultura familiar, muitos trabalharam em mutirão, que uma família ia ajudando outra no plantio, na capina, né, no destocamento de uma roça. Então, isso que acabou se voltando novamente, no trabalho comunitário, um ajudando o outro. Isso foi uma das coisas que eu pude perceber e também outra forma que eu pude perceber também durante essa

pandemia, logo quando iniciou a pandemia, o recurso financeiro, ele, o dinheiro em si, ele começou a ser escasso, então a troca, ela acabou voltando novamente. Então, aquela família que já vinha com atividade de agricultura, com a produção de farinha, o pescador mesmo. Então, houve muito essa parte de troca também, quem trabalhava com agricultura, de fazer sua farinha, quem trabalhava com hortaria, então que acabou fazendo esse diálogo com troca não somente o dinheiro em si, mas trocando o produto com outro, peixe com farinha, peixe com hortaliça. Enfim, em outras coisas que envolvia nessa parte de troca, então isso eu pude perceber também que aconteceu muito durante esse tempo de pandemia.

Rodrigo: Você e sua família voltaram a fazer algumas dessas atividades que tinha deixando de fazer por conta da rotina de trabalho do cotidiano?

Alex: Sim, como acabei até citando já, a gente como trabalhava na escola, a gente era muito ocupado, acordava de manhã cedo, tinha que ir para escola de manhã, minha jokana também ia de manhã, a gente ia revezando a tarde e boa parte do nosso tempo era voltado à escola e [...] a gente pôde ter mais um tempo em casa, para trabalhar com minhas hortaliças mesmo, com a própria agricultura, a gente teve que ter outra rotina. E uma rotina que antes a gente conviveu com os pais da gente, que com certo tempo a gente passa a ter responsabilidades e a gente acaba que meio que deixando, então isso aconteceu com a gente também, né.

4.2- Erilsa Braz dos Santos

Olha assim, quando entrou a pandemia, quando a gente foi desvinculado da escola, uma das coisas que a gente foi fazer foi cultivar a terra [...].

4.2.1- Primeiras informações sobre a pandemia e decisões coletivas

Erilsa: Boa tarde Rodrigo, o meu nome é Erilsa Braz dos Santos, mais conhecida na comunidade, na língua materna, como Uruba Pataxó, sou professora da Escola Indígena Pataxó de Barra Velha, atuei quase dez anos na área de ciência, hoje, esse ano aqui na área de inclusão, atualmente, sou vice-cacique aqui da aldeia mãe Barra Velha, tenho 40 anos.

Rodrigo: Então, queria que você falasse um pouco como chegou para você e sua família as informações sobre a pandemia, essa doença do COVID 19?

Erilsa: Rodrigo, essa doença, assim, a notícia chegou até a mim, eu assistindo os jornais, eu assistindo jornal, eu ouvi assim falando que tinha aparecido um vírus lá na china, um vírus desconhecido que estava matando muitas pessoas e podia chegar até no Brasil. E a gente lembra que chegou em fevereiro e quando foi era aquela coisa. E o que mais chamou atenção foi que já no final de fevereiro que deu repercussão, foi que chegou um turista de São Paulo, num casamento em Ilhéus e que veio para Trancoso, aí esse cara estava com suspeita de estar com esse vírus, aí o que mais chamou atenção que veio a tona mesmo falando a questão sobre o COVID. Só depois disso, a gente cobrando muito que o povo da SESAI fez uma equipe e saiu explicando nas casas, mas foi depois de muita cobrança e depois que os casos já apareciam aqui dentro da comunidade, mas foi dessa maneira.

Rodrigo: Com a chegada da pandemia aqui na aldeia na região, a escola e os professores tomaram alguma medida para enfrentar a situação?

Erilsa: Olha, assim é, eu lembro que quando eu ouvi que tinha uma pandemia mundial, eu, minha pessoa, comecei a trabalhar na escola quando estava assim a segunda semana que começou as aulas, eu cheguei a conversar com a direção só que eles no momento não deram ligação para o que eu tinha para falar: “Se eles estavam acompanhando que estava acontecendo uma pandemia em nível mundialmente podia chegar dentro da nossa comunidade? como que a gente ia ver naquele momento, orientar os alunos até mesmo a comunidade?”.

Mas eu não tive nenhuma resposta, mas aí quando foi na semana seguinte, na terceira semana que as aulas tinham iniciado, o próprio município ao ver esse caso que nem eu citei lá atrás, do rapaz que veio de São Paulo, o município, no dia 17 de março, baixou um decreto que as aulas seriam suspensas por um mês, até um mês, as aulas foram suspensas, aí ninguém voltou para escola.

4.2.2- A situação dos professores

Rodrigo: Como você e sua família atuam e dependem da escola na renda?

Erilsa: [...] olha assim, eu e meu marido, a gente trabalha na escola, realmente a gente depende diretamente da escola, mas assim de acordo com o tempo veio passando a gente começou a fazer outras coisas, outros movimentos, a gente comprava artesanato

e a gente vendia durante o verão, assim ia passando, mas assim se eu dizer para você, a gente depende sim, vamos dizer 80% da escola.

Rodrigo: O município deu algum apoio aos professores durante a pandemia?

Erilsa: Olha, quando veio assim, que foi um mês que suspenderam, né, [...], quando foi no dia 31 de março, a gente já soube que a prefeita baixou um decreto descontratando todas as pessoas do quadro da educação, todas as pessoas seriam exoneradas do cargo. Aí o que aconteceu, a gente não recebeu, só recebeu o mês de março e pronto, os outros, até o dia 17 que eles disse que teria dado para gente, eles não pagaram. E aí só depois de dois meses que veio a PLB do município, organização dos professores, que conseguiu dar um auxílio emergencial de R\$ 700,00 (setecentos reais), mas depois a gente ficou sabendo que o contrato ficou ativo nesse período, [...], quando chegou no final do ano, em dezembro, eles queriam forçar que a gente assinasse um contrato, dizendo que a gente estava recebendo o salário de professor que a gente seria funcionário, mas a gente não assinou, no meu caso, Barra Velha não assinou, [...].

[...]

Erilsa: [...] no meu caso, eu não tive esse direito de auxílio emergencial, entendeu? Porque quando eu fui fazer falaram que eu era servidora pública, sem eu ser por causa do meu contrato, [...].

Rodrigo: O município, além desse auxílio de R\$ 700,00, eles deram algum suporte para professores, para a escola, tipo incentivando ou dando algumas instruções sobre a COVID?

Erilsa: Olha, além desses R\$ 700,00, eles não deram mais nada, sumirão, realmente, sabe? Não deram assim nenhuma satisfação para questão da escola, os professores o que podia está ajudando, dando algum suporte ou até mesmo dando alguma cesta básica todo mês, isso não existiu durante, só apareceram durante a política lá para o final de setembro começaram a aparecer, porque era funcionário não sei o que, alegando que deu R\$ 700,00, que isso não era obrigação deles e tudo. Mas assim, se eles deram algum suporte, algum curso, alguma coisa, não deram. Realmente, não deram pra gente não, queriam forçar a gente a assinar um contrato sem a gente está recebendo, entendeu?

Rodrigo: Você ainda tá atuando na escola como professora nesse retorno?

Erilsa: É, agora no retorno, eu estou trabalhando que nem eu falei, estou trabalhando com os alunos de inclusão, só que aí eu não estou diretamente dentro da escola, por eu também, tem a questão de comunidade, sou obesa, tenho pressão alta, eu não estou

direta, eu estou dando aula remota de 15 em 15 dias, entregar as atividades, recolher as atividades com os alunos, assim eu voltei as atividades durante o retorno.

Rodrigo: Como está sendo esse retorno as aulas remotas, como é que está funcionando a escola?

Erilsa: Olha, eu posso dizer assim que está sendo um desafio muito grande essa questão dessa aula remota, se é um desafio para um não indígena, imagina para nós indígena. Esse grande desafio, que nem eu gosto de dizer assim, educação escolar indígena é um grande desafio para nós educadores indígenas, imagine com essas aulas remotas e a pandemia, até mesmo dar para perceber que têm casos dos alunos, eles dizerem que eles não conseguem aprender, os professores está recendo menos durante a pandemia e trabalhando mais. Agora que veio, porque muitos professores aqui desistiram, que eles conseguiram, aí a gente falando as lideranças, conversando com o prefeito, que eles conseguiram dobrar a carga horária de alguns professores para 40 horas, pela desistência de uns professores, que desistiram aí que veio dobrar a carga horária, mas antes disso tinha professor que estava dando quase 60 horas de aula aí para o município e recebendo 20 horas e para eles aquilo era normal. Como é, se a gente é indígena é uma obrigação da gente está fazendo isso para seu povo, a gente sabe que a gente que é professor indígena tem que abraçar a causa, mas também mostrar serviço para o município e não ser remunerado, também isso não pode. Que a gente tem família, tem filhos, tem tudo, mas agora normalizou, mas eles queriam fazer isso com a gente.

4.2.3- Impacto na renda das famílias da comunidade com a chegada da pandemia

Rodrigo: Se notou que na comunidade foram vivenciadas várias modificações na área da economia, como você descreve essas mudanças?

Erilsa: Assim Rodrigo, eu posso dizer para você logo no início, claro né, que o povo teve aquele maior medo de sair, até mesmo quem vendia o artesanato, quem vendia os passeio de buggy, teve aquele discurso, aquele medo de que, de não podia, para não ter esse contato e tudo para questão da prevenção. Mas eu voltando para outro lado, eu vi que na pandemia não teve aquele, posso dizer que a economia não caiu aqui dentro de Barra Velha. Parece que gerou mais assim, por questão que veio o auxílio emergencial que era de R\$ 600,00 e R\$ 1200,00 e aí o povo conseguiu estabelecer. Agora assim, no meu caso, eu não tive esse direito de auxílio emergencial [...], mas assim eu vejo que a

maioria das famílias aqui teve alguns, aquele claro que diretamente ia para praia vender seus artesanato, claro que teve uma queda e não só acho que gera uma cadeia alimentar que um dependendo do outro, mas depois que entrou o auxílio emergencial, eu acho que aí conseguiu estabelecer.

4.2.4- Buscando alternativas

Rodrigo: Quais as soluções encontradas por você, sua família e a comunidade em suas atividades cotidianas para sobrevivência quando começou a pandemia? Vocês praticaram alguma atividade que de alguma forma ajudou na subsistência de vocês?

Erilsa: Olha, assim quando entrou a pandemia, quando a gente foi desvinculado da escola, outra coisa que a gente fez foi cuidar da terra, a gente foi fazer horta, a gente começou a tirar a maioria das coisas: verdura, legume eram da produção da gente. Para ajudar na questão da sobrevivência, plantamos batata doce, aipim, mas muita coisa. E assim foi uma coisa que quando chegou a pandemia que trouxe aquele estímulo de cuidar da terra, né, aquilo que não tinha e parece que era tempo, a gente parece que descobriu que aquele amor realmente para cuidar da terra, mas assim a gente foi para parte da horta, fazer para estar ajudando na alimentação, na sustentabilidade mesmo. E não só a gente, mas a gente viu que a comunidade [...] acho que dava para perceber que a comunidade toda estava plantando, era plantando, fazendo horta, todo mundo fazendo roça e era aquele ânimo para todo mundo no momento.

Rodrigo: Com qual frequência você e sua família praticaram esses tipo de atividade, tipo ir para o mangue, plantar ou cultivar alguma coisa no próprio quintal ou na roça da família?

Erilsa: Assim, ir para o mangue a gente não chegou a ir não, só uma vez que eu cheguei a levar eles assim lá para caminhar no mangue mesmo conhecer, brincar, mas assim aqui no quintal a gente cultivava todos os dias, era mais pela parte da tarde, a gente pegava a partir das três horas, a gente ia mexer na terra, fazer os canteiros e um viveiro, fazer as mudas. Quando a gente começou mesmo a mexer, que começou a produzir, veio o diacho da bomba quebra, né, aí foi muito difícil por falta da água, mas aí veio a seca que a gente plantou muita batata doce que secou bastante. Mas assim, deu para a gente tirar ainda, já assim, nas pedras, no mangue, no mar, assim mariscando, a gente não foi tanto não, era mais só cultivava era galinha, galinha caipira, a galinha caipira

também a gente como sempre tem elas no quintal, a gente cria, a gente cria muito elas e foi uma das coisas que a gente utiliza para alimentação da gente.

Rodrigo: Só para alimentação ou tipo assim se precisasse vender, para vender para algum parente que quisesse comprar?

Erilsa: Olha, para vender assim a gente não vende muito assim não porque a gente cria mais pra comer mesmo, os ovos e as galinhas. Já o esterco dela, a gente usa para fazer o adubo, né, os adubo orgânico para horta. E quando veio a pandemia tudo ficou caro, principalmente o milho, aí não tinha como a gente ir vendendo porque se a gente fosse pedir uma galinha de um preço de cinquenta reais, uma galinha caipira, ou trinta reais, os parentes não queria dar, foi mais para o consumo mesmo.

Rodrigo: Quais principais dificuldades enfrentadas por você e sua família e quais as soluções que vocês buscaram para superá-la durante a pandemia?

Erilsa: Olha, assim, durante a pandemia, eu vou dizer assim para você, a gente sofreu assim, a dificuldade mais não foi tanto porque as vezes quando a gente recebe, trabalha, a gente quer comprar algumas coisas além, aí quando vem a pandemia, claro que a gente vai ter que reduzir e quando a gente não está acostumado com aquilo, aí a gente começa sentir o baque. Mas a gente começou a se controlar, a única coisa que a gente ficou meio apertado na pandemia, na escola aqui em Barra Velha teve essa coisa que os alunos todos tinham que usar uniforme, tinha que ir para escola de calça jeans, era de uniforme, era de camisa, de tênis, era aquela coisa padronizado da colonização, eu digo para descolonizar a educação e de não querendo colonizar mais ainda, aí veio isso, a gente teve que comprar, tenho cinco meninos que estudam ainda, não tinha dinheiro no momento, tivemos que comprar, aí quando a gente ficou descontratado, aí tinha esse dinheiro do uniforme para pagar. Mas assim, graças a Deus, a gente conseguiu pagar direitinho, se manter, pagar tudo isso, mas aí vem a questão, mas era a compra, energia, de internet, mas isso aí. Isaac trabalhando, ele ajudou a gente se manter em casa também, com ajuda dele, que ele e Sara trabalham para eles, aí foram os dois ajudando a gente em casa porque se fosse depender realmente de mim mais Aurin, como uma vez ficamos desempregados, a gente passaria fome sim, mais eles nos ajudaram, mas a gente não teve essa dificuldade tanto não porque dos nossos filhos que ajudaram, também.

4.2.5- Enfrentamento da pandemia na aldeia

Rodrigo: Você tem alguma reflexão para fazer sobre como foi a pandemia na comunidade indígena, principalmente aqui na aldeia Barra Velha?

Erilsa: Olha, eu tenho uma reflexão para falar para vocês que são estudantes, que o nosso povo aqui não levou a sério realmente, a pandemia. Esperava melhor conscientização da mente do povo, das pessoas que essa doença não é de brincadeira, têm muitos que acham que isso não é sério porque não morreu ninguém. Só agora, que veio uma índia a óbito que até mesmo é sua sogra, mas ela já morava fora, mas ela é índia daqui, mas mesmo assim, parece que o povo não cuida. Era durante a pandemia, jogando bola, era bebendo, era em festa e tudo e não estava nem aí, acha a que a vida não é importante, da gente. Como indígena, eu vejo assim que mesmo a gente fazendo um trabalho de conscientização, eu fui mesmo, ia nos grupos, pedia para que tomassem as vacinas, que a vacina que salva vida, muitas pessoas não tomaram aqui na comunidade, nem a primeira, nem a segunda dose, teve muitos que tomou a primeira dose e não concluiu a segunda, e que a gente tem que pensar em bem-estar de todos, para que essa doença não cresça, que nem agora foi anunciada a segunda onda que vem essas mutações aí, com essas variações, a gente está com medo, que nem o povo não está tendo essa conscientização para não vim o extermínio do nosso povo. E assim, é isso que eu tenho a dizer pra gente se cuidar, tomar a vacina e se cuidar, realmente.

4.3- Romildo Ferreira

“[...]E a gente que trabalha com turismo, ficamos um ano parado.”

4.3.1- Primeiras informações sobre a pandemia e decisões coletivas

Romildo: Meu nome é Romildo Alves Ferreira dos Santos

Rodrigo: O senhor trabalha com que atividade aqui dentro da comunidade?

Romildo: Logo no começo eu era cacique, por 15 anos, hoje eu sou presidente da associação e trabalho com a organização dos bugueiros aqui na guarita.

Rodrigo: Como chegou informação para você e sua família sobre a doença dessa pandemia, vocês ficaram sabendo pela televisão, por esses grupos de *WhatsApp*, como foi que o senhor ficou sabendo dessas informações?

Romildo: Foi pela televisão e até mesmo por esses grupos de *WhatsApp* [...]. Aí quando chegou teve que parar o trabalho turismo que era o passeio, aí a gente foi pra casa.

4.3.2- A dependência do turismo para a renda da família

Rodrigo: Quando o senhor começou trabalhar com turismo, tem muito tempo?

Romildo: A gente vem trabalhando faz muito tempo, a gente sai por aí para vender os artesanatos, pelas praias, mas agora mesmo, foi o ano passado que nós começou a trabalhar aqui na guarita.

[...]

Rodrigo: Da sua família é só tem você que trabalha com turismo ou tem outra pessoa que trabalha assim?

Romildo: Lá em casa, trabalha eu e minha Jokana e meus filhos mais velhos e outra filha trabalha lá em Caraíva em pousada.

Rodrigo: Então, todo mundo depende de certa forma do turismo para sobreviver?

Romildo: Sim, com certeza.

4.3.3- Dificuldades geradas pela pandemia

[...]

Rodrigo: Quais foram as maiores dificuldades que você e sua família enfrentaram durante a pandemia?

Romildo: A dificuldade foi que não podemos sair, não poder receber muitas visitas em casa, dos próprios parentes, para a gente foi muito difícil, nós não tínhamos esse costume de ficar assim nesse vício por vida dentro de casa, para a gente ficou muito difícil nessa parte. A gente saía para fora, para vender artesanato e na pandemia teve que ficar dentro de casa protegendo a saúde.

4.3.4- Buscando alternativas

Romildo: [...] para não ficar parado, eu sentei com minha família, a gente foi trabalhar na horta. Tem uma horta lá em casa, nessa pandemia nós trabalhou com a horta.

[...]

Rodrigo: Várias famílias buscaram outro tipo de atividade dentro da comunidade, o que você tem a falar sobre essas famílias que buscaram esses outros meio para sobreviver?

Romildo: [...] eu trabalhei na prefeitura também, alguns tempos não só foi com turismo, também, vivia andando para manter a casa. [...] outros parentes que trabalha na atividade de turismo nessa pandemia que deu, eles foram trabalhar nas fazendas, saíram para as fazendas trabalhar lá, outro foram caçar outro meio, alguns foram trabalhar na roça também, e foi assim que eles se viraram na pandemia na aldeia. Aqueles que tinham acesso à internet fizeram seus artesanatos, foram vender pela internet, também, aí não parou essa parte muito do artesanato, muito venderam pela internet e muito foram trabalhar pelas fazendas e outros foram colocar roça para não ficar parado. E a gente que trabalha com turismo, ficamos um ano parado, agora que voltou de novo os passeios de buggy, o turismo.

Rodrigo: Você disse que você e sua família fizeram uma horta em casa, fora essa horta, quais as atividades que vocês praticaram nessa pandemia?

Romildo: A gente trabalhou muito com artesanato e meus filhos venderam pela internet.

Rodrigo: Vocês praticaram outras atividades como pesca, como agricultura?

Romildo: Não, não, a gente não pesca, e nem tem roça assim para fazer agricultura, só o artesanato e essa horta mesmo que fizemos.

Rodrigo: Quais foram as soluções que vocês encontraram para sobreviver durante a pandemia? Fora a horta, teve outra coisa que ajudou vocês de alguma outra renda?

Romildo: Para mim teve, porque na época assim que eu sair daqui do trabalho do turismo, eu foi para prefeitura, eu fui chamado para prefeitura, ainda eu fiquei quatro meses na prefeitura, aí me ajudou, eu recebi meu salário, aí me ajudou bastante na alimentação em casa, nas coisas de casa.

Rodrigo: Vocês receberam o auxílio do governo?

Romildo: Recebemos.

Rodrigo: Tomo mundo recebeu?

Romildo: Não sei se foi todo mundo não, mas eu recebi, [...].
Rodrigo: Durante a pandemia, você voltou a fazer alguma atividade que você não fazia antes? Que durante o trabalho do dia a dia a gente sabe que é muita correria e com a pandemia a gente ficou parado em casa, muitas pessoas voltaram a fazer algumas atividades, algumas coisas que não fazia, você voltou fazer alguma atividade ou como é que foi?
Romildo: Não, não, eu mesmo, não fiz não, fiquei mais em casa, também as vezes a gente fazia alguma atividade assim capinar, coisa de rotina de casa mesmo.
Rodrigo: Você e sua família, a gente sabe que Naiara coleta mangaba para fazer as polpas, isso ajudou vocês na renda de casa?
Romildo: Na época, ela tinha duzentas polpas, eu fui vender, na época as polpas ajudaram sim.
Rodrigo: E hoje ainda ela ainda faz a coleta de mangaba para fazer polpa?
Romildo: Hoje, ela está parada porque não está na época da mangaba. Mas quando está na época, ela faz muita polpa e guarda porque a polpa depois dela feita, ela aguenta um ano. Aí vai vendendo aos poucos também, agora ela está fazendo artesanato.
Rodrigo: Como é que está sendo a venda do artesanato pela internet deles, você sabe me dizer, como está funcionando e quem que organiza pra eles a divulgação?
Romildo: Eles mesmo tira foto e joga na internet, os próprios parentes faz o pedido, aí manda para os parentes, aí vende para os próprios parentes mesmo, os próprios indígenas mesmo, aqueles colar de ritual, cocar, essas coisas.

4.3.5- Retomada do turismo

Rodrigo: Como foi a retomada das atividades do turismo, do trabalho, como é que está funcionando em relação à pandemia, não só em casa, mas também no trabalho de vocês como está sendo?
Romildo: A retomada é que voltou a trabalhar com turismo voltou, e eu vim trabalhar com turismo, voltaram a me chamar a trabalhar com o turismo, mas também estamos trabalhando com artesanato e cuidando da horta também. É só isso que eu trabalho com minha família, é o artesanato e a horta e aqui no turismo, eu não tenho outra atividade nenhuma.

4.3.6- Enfrentando a doença

Rodrigo: Houve algum caso na família de vocês da corona?
Romildo: Teve.
Rodrigo: Como é que foi o tratamento da doença na família de vocês, buscaram o que?
Romildo: A gente buscou as ervas, tomou muito sumo de boldo, sumo de algodão e chá mesmo, ervas medicinas, não chegou sair para fora não, a gente tomou as medicinas da gente mesmo.

4.4- Iomani Pataxó

“[...] na pandemia o que ajudou a gente mais foram as vendas dos artesanatos pelas redes sociais que a gente vendia para os próprios parentes da gente”.

4.4.1- Primeiras informações sobre a pandemia

Iomany: Eu me chamo Iomany Pataxó, moro na aldeia mãe Barra Velha, município de Porto Seguro, Bahia, sou artesã, sou filha de artesã e, também, trabalho com projeto <i>Pakihe Pataxó</i> que é onde eu levo um pouco da nossa cultura para fora da aldeia. [...] Yomani quer dizer mãe água, tenho 28 anos [...], sou mãe solteira, sou mãe de três meninos que tem 12, 10 e 8 anos, meu pai é Romildo e minha mãe é Curuba, meu pai foi cacique por 15 anos e minha mãe sempre foi artesã [...]
[...]
Rodrigo: Como chegou para você e para sua família as informações sobre a pandemia?
Iomany: Foi pela televisão, jornal nacional e pelas redes sociais.

4.4.2- O artesanato: produção e projeto *Pakihe Pataxó*

Rodrigo: Quando você começou a trabalhar com artesanato?
Iomany: Desde pequena que eu via minha mãe trabalhando com artesanato. Desde pequena que aqui na aldeia se começa a trabalhar com artesanato.
[...]
Iomany: [...] participo de um projeto junto com meu irmão que [...] esse projeto também é levar um pouquinho da nossa cultura para fora da aldeia para cidade grande, vamos

dizer assim, tentando quebrar o estereótipo que muitas pessoas têm com nós indígenas. Aí trabalho, falamos um pouco da nossa cultura, falamos um pouco da nossa vivência na nossa comunidade e também levamos os nossos artesanatos para vender. Aqui na minha aldeia, eu trabalho com artesanato de semente, a principal semente que utilizo no meu artesanato é semente de Tento Carolina que muitos conhecem como pau-brasil e tem outras também. O artesanato para nós significa proteção e a nossa maior fonte de renda aqui na minha comunidade é o nosso artesanato, mas também vivemos da pesca e da agricultura familiar.

[...]

Rodrigo: Fala para nós mais sobre esse projeto que você atua, como é que funciona, desde que ano que você atua nele?

Iomany: Então, *Pakihe Pataxó*, quem criou foi meu irmão Juati com um amigo dele. A proposta dele é de levar nossa cultura para fora da aldeia, como eu já tinha falado antes e quem trabalha nesse projeto é nossa família mesmo: eu e ele, meus irmãos e meus pais.

Rodrigo: Como vocês levam a cultura do povo pataxó para outros lugares para outras cidades, como é que funciona esse trabalho?

Iomany: Então, nós começamos fazendo o trabalho da gente em sítio, tipo uma fazenda, que é onde a gente ficava todo mês de abril fazendo apresentação só para escola particulares, não ia em escola pública. No ano de 2019, nós ficamos sete meses fora, foi lá em São Paulo, Piracicaba, Tiradentes, nós fizemos esse trabalho só com escola pública, nós não só falava do povo pataxó, falava dos indígenas em geral, nós mostrava atrás de cânticos, nosso artesanato, damos palestras, muitas pessoas acham que recebemos dinheiro do governo, mas não recebemos. [...]

Rodrigo: Você só trabalha com artesanato de semente e de pena madeira?

Iomany: Eu só trabalho com artesanato de semente, agora minha família trabalha com artesanato de pena, também. Nós não trabalhamos com artesanato de madeira, só de pena e de semente mesmo.

Rodrigo: Para qual etnia e em qual aldeia você costuma vender seus artesanatos?

Iomany: Nosso artesanato é conhecido assim praticamente pelo Brasil inteiro, a gente vendeu para várias etnias, para vários parentes, mas nós vendemos mais foi para os pataxó, Coroa Vermelha, Minas Gerais [...].

4.4.3- Pandemia: mudança na rotina e dificuldades

Rodrigo: Como foi a sua rotina durante a pandemia, atrapalhou em que sentido na sua vida?

Iomany: Então, minha rotina atrapalhou bastante porque eu comprei várias artesanato dos outros parentes, porque a gente faz e também compra para a gente vender. Então, eu comprei várias artesanatos de outros parentes para ajudar outros parentes e tipo assim, os artesanatos ficou tudo acumulado porque nós íamos viajar no mês de abril, aí como nós não viajou, veio logo essa pandemia, a gente teve que ficar em casa.

Rodrigo: Quais as maiores dificuldade enfrentadas por você e sua família durante a pandemia? E quais as maneiras encontradas para solucioná-las?

Iomany: A maior dificuldade, primeiro a gente não podia sair de dentro de casa com medo de pegar esse vírus, a gente tinha que ficar mais dentro da casa da gente [...]

4.4.4- Impactos na venda dos artesanatos, novas estratégias de venda

Rodrigo: Você e sua família só depende do artesanato no sustento da renda de vocês?

Iomany: Sim, agora que eu estou trabalhando em Caraíva, mas antes era só artesanato mesmo que sustentava nossa sobrevivência.

Rodrigo: Você e sua família continuaram praticando a confecção do artesanato durante a pandemia?

Iomany: Sim, com certeza, na pandemia o que ajudou a gente mais foram as vendas dos artesanatos pelas redes sociais que a gente vendia para os próprios parentes da gente.

Rodrigo: Como foi a venda desse artesanato durante essa pandemia, assim pela internet, como é que funciona?

Iomany: Aí, então, eu postava nas minhas redes sociais, no instagram, aí o pessoal via e fazia pedidos e eu enviava pelo Sedex. Também, já tinha alguns contatos que fazia encomenda pra mim e para minha família.

Rodrigo: Hoje em dia, você ainda está trabalhando com artesanato, atua na venda do artesanato?

Iomany: Sim, eu ainda vendo artesanato online, só online mesmo, e minha mãe que está fazendo os artesanatos.

Rodrigo: Fala para a gente um pouco dos artesanatos que você faz que você confecciona e que vende.
Iomany: Então, o que eu mais confecciono aqui são os colares de ritual.
Rodrigo: O que seria colares de ritual?
Iomany: Colares de ritual que eu falo é um colar que nós fazemos para a gente dançar, fazer o nosso ritual e foi esse colar e traje que eu mais vendi na pandemia, eu e minha família, que a venda foi para os meus próprios parentes, parente que eu falo e de outras etnias também.
[...]
Rodrigo: Você e sua família praticou outro tipo de atividade durante a pandemia, vocês fizeram outro tipo de coisa?
Iomany: Sim, nós fizemos uma horta.
Rodrigo: Fora a horta vocês fizeram outras coisas para ajudar no sustento de casa?
Iomany: Fizemos artesanato, fizemos a horta e também recebermos algumas doações de cesta básica, essas coisas.
Rodrigo: Vocês chegaram a passar algum tipo de dificuldade financeira?
Iomany: Graças a Deus que não, que nós não passamos essa necessidade, e o artesanato que é a fonte de renda nossa, eu acho que é para toda nossa comunidade.
Rodrigo: Durante a pandemia, várias aldeias que buscaram outra forma de sustento, uns fizeram horta, outros plantaram e outros partiram para mangue, para pescar, na sua opinião qual é a importância desse tipo de atividade para as pessoas aqui na aldeia?
Iomany: Então, desde antes, a gente já vai procurar marisco no mangue e também alguns pescam, é normal. Assim na pandemia, para nós, para o nosso sustento, todo mundo foi para o mangue pescar. [...]
Rodrigo: Em que você está atuando no momento?
Iomany: Eu trabalho na pousada agora, se eu fosse trabalhar no artesanato, eu acho que ganhava mais. É porque eu estou dando tempo para distrair a mente mais. Porque lá a gente sabe que vai ganhar o dinheiro todo mês e com artesanato, apesar de ter dinheiro assim, mas a gente não sabe se vai ter dinheiro todo mês para pagar nossas contas, nós também faz dívida e tem que pagar as dívidas tudo certinho. [...] e trabalho com as coisas, principalmente com artesanato e também com a fruta nativa mangaba, colete a mangaba e a gente faz a polpa e vende para os próprios parentes.
Rodrigo: A polpa da mangaba é utilizada pra que?

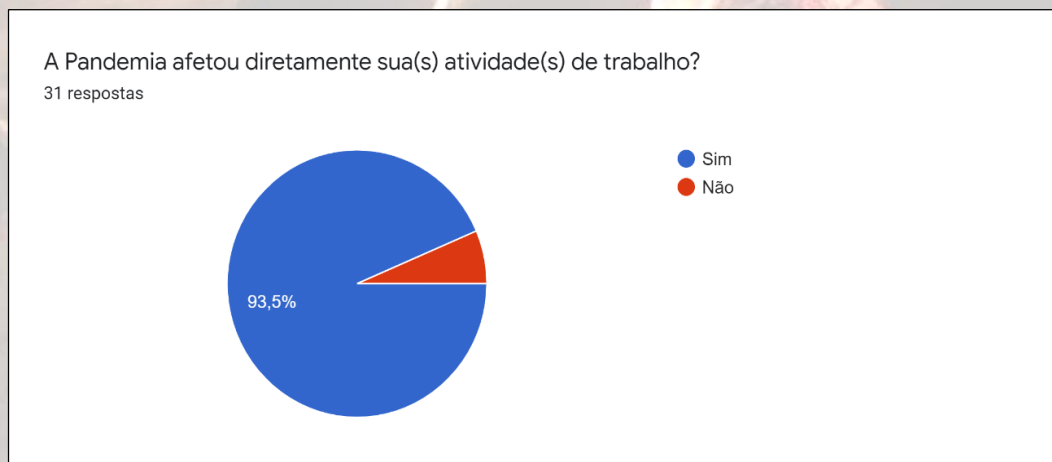
Iomany: A polpa de mangaba é utilizada pra fazer suco, mousse e a geladinho, também.

5- QUESTIONÁRIO

A ideia de usar o questionário do *Google Forms* surgiu após uma das aulas da disciplina de Ensino da Probabilidades, no semestre 2021-1, quando usamos essa ferramenta. Eu achei bastante interessante, pois conseguia expressar bem os dados obtidos em uma determinada pesquisa.

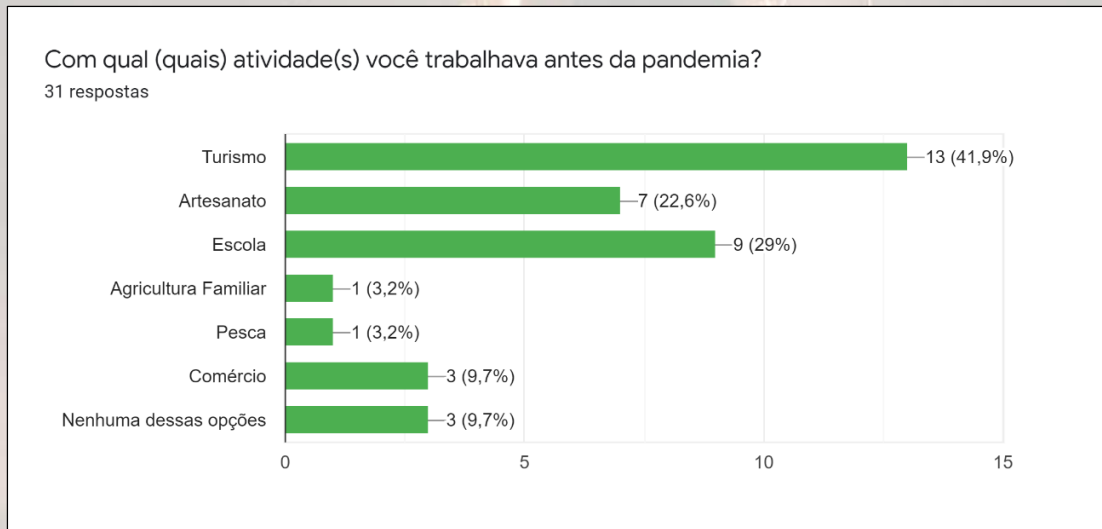
Meu objetivo de utilizar essa ferramenta era atingir um número maior de pessoas da comunidade, para obter informações sobre quais alternativas elas buscaram para se manter durante a pandemia. Foi compartilhado o link do questionário nos grupos de *WhatsApp* da comunidade de Barra Velha. Conseguimos obter trinta e uma respostas, conforme organizamos abaixo. A partir de minha percepção, no cotidiano da comunidade, e do diálogo com os quatro entrevistados, formulei os seguintes questionamentos direcionados à comunidade.

1. A Pandemia afetou diretamente sua(s) atividade(s) de trabalho?
() Sim () Não



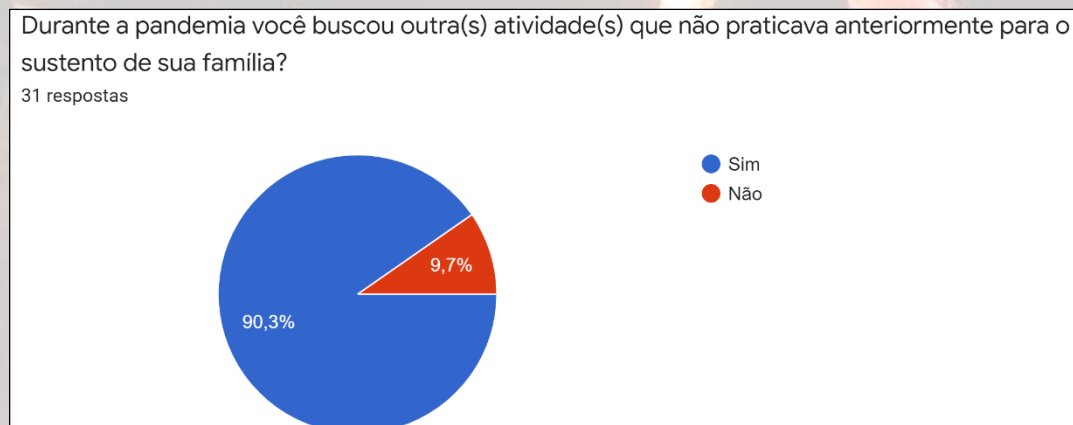
2. Com qual (quais) atividade(s) você trabalhava antes da pandemia?

- Turismo Artesanato Escola Agricultura Familiar Pesca
 Comércio Nenhuma dessas opções



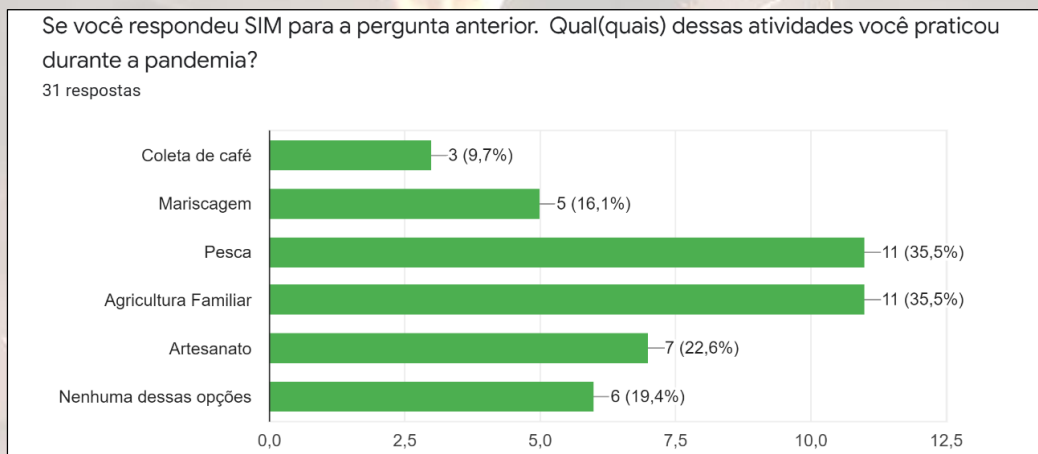
3. Durante a pandemia você buscou outra(s) atividade(s) que não praticava anteriormente para o sustento de sua família?

- Sim Não



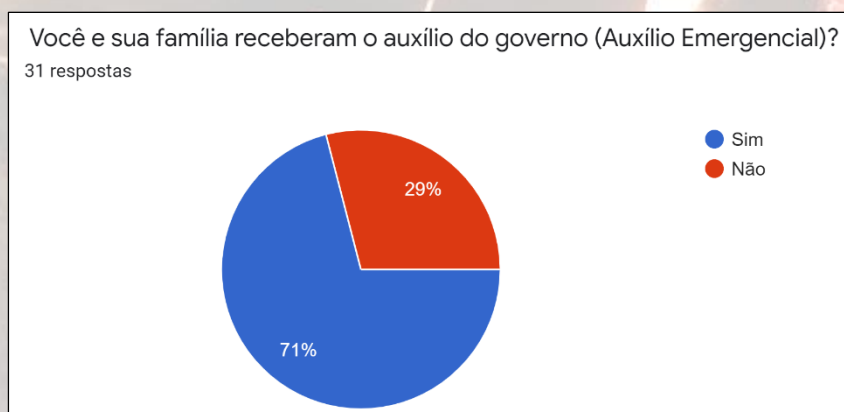
4. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior. Qual(quais) dessas atividades você praticou durante a pandemia?

- Coleta de café Mariscagem Pesca Agricultura Familiar
 Artesanato Comércio



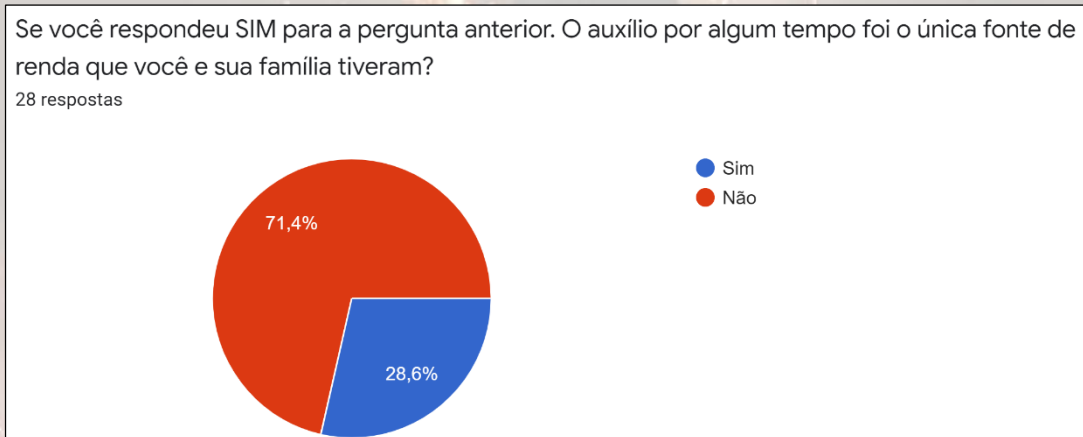
5. Você e sua família receberam o auxílio do governo (Auxílio Emergencial)?

- Sim Não



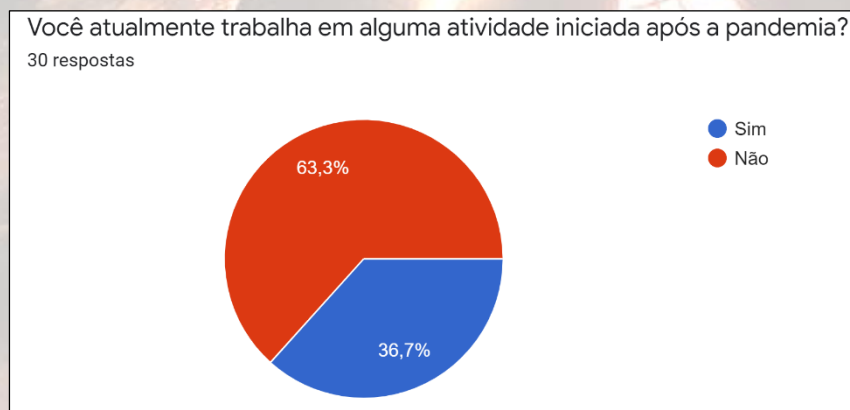
6. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior. O auxílio por algum tempo foi a única fonte de renda que você e sua família tiveram?

Sim Não



7. Você atualmente trabalha em alguma atividade iniciada após a pandemia?

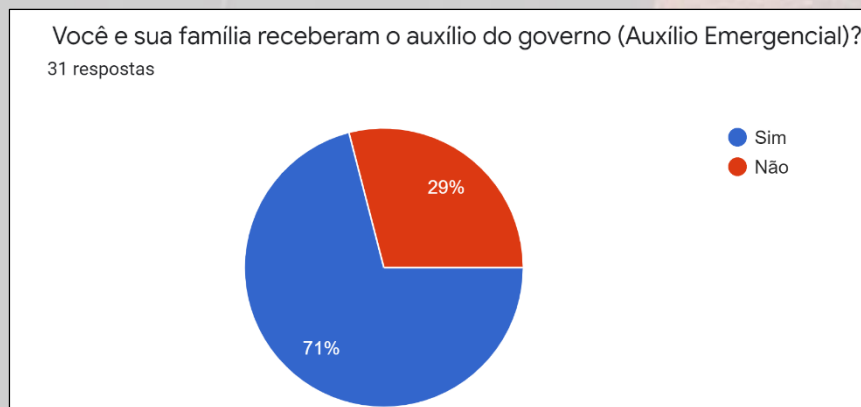
Sim Não



8. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior: Qual(is) atividade(s)?

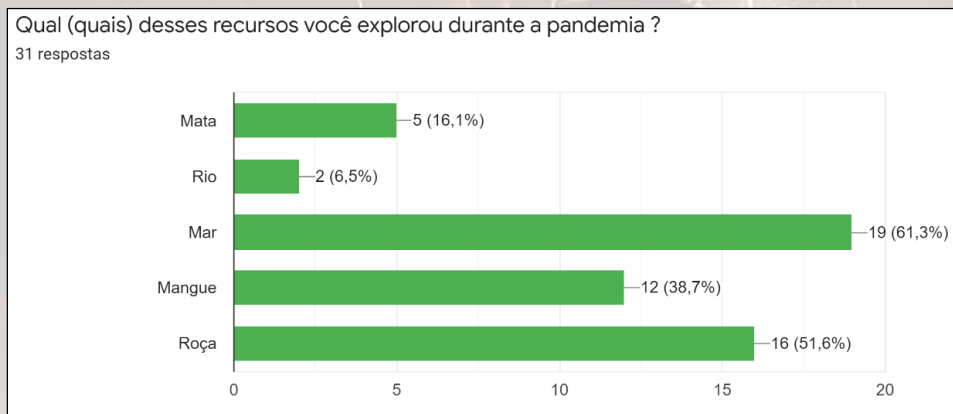
9. Você e sua família chegaram a passar necessidade durante a pandemia?

Sim Não



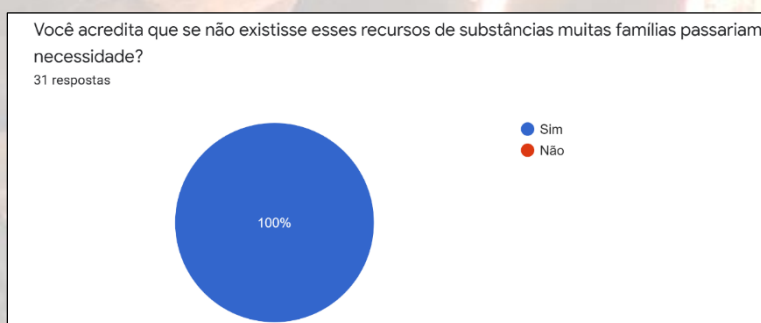
10. Qual (quais) desses recursos você explorou durante a pandemia?

Mata Mar Rio Mangue Roça



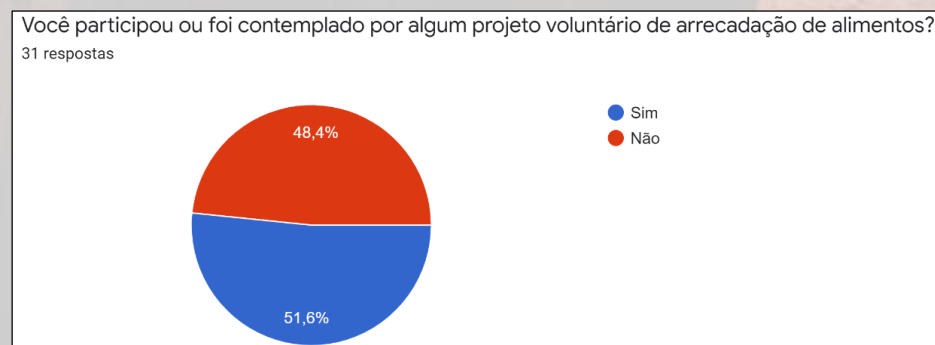
11. Você acredita que se não existisse esses recursos de substâncias muitas famílias passariam necessidade?

Sim Não

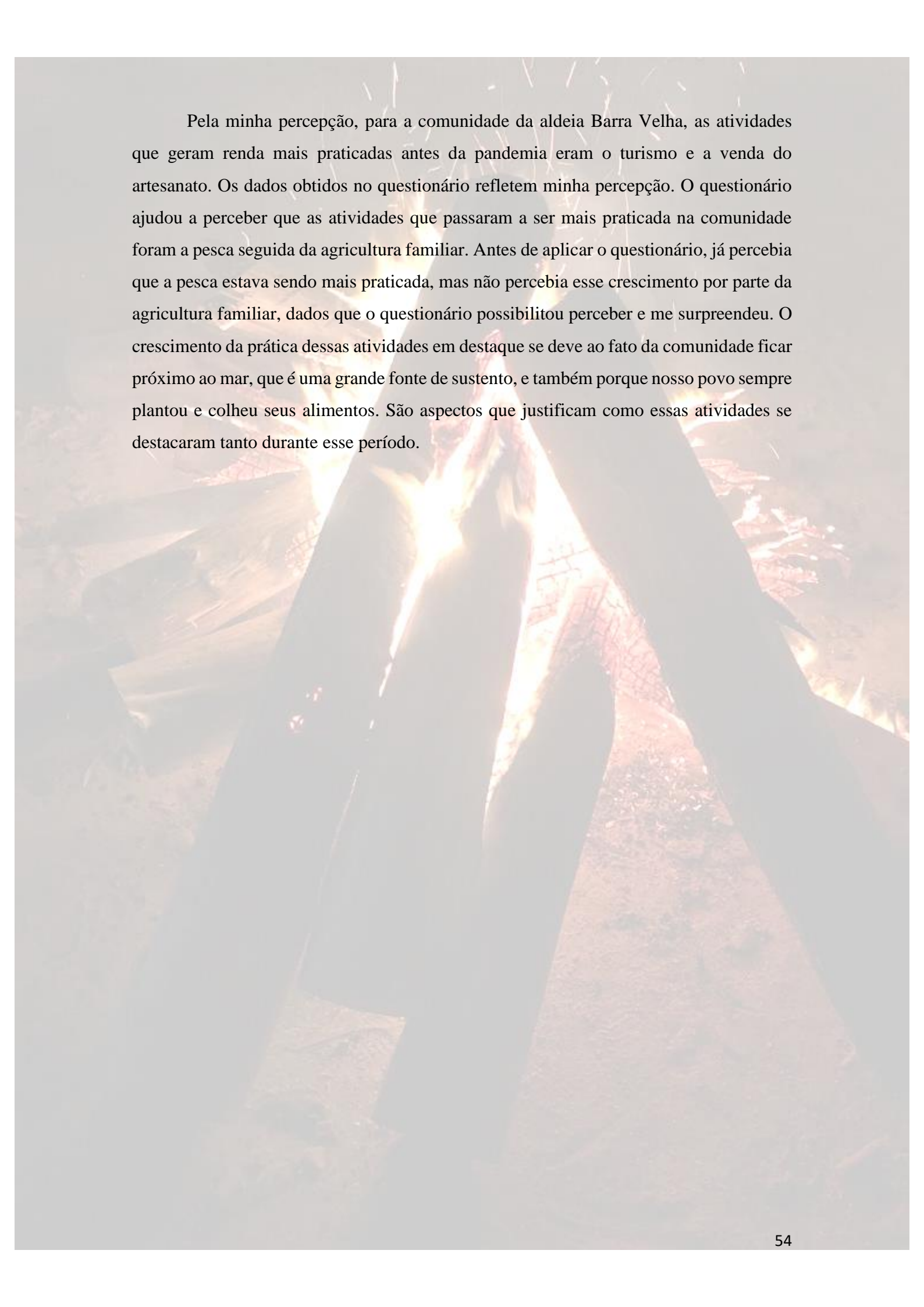


12. Você participou ou foi contemplado por algum projeto voluntário de arrecadação de alimentos?

Sim Não



13. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior: em qual projeto e qual sua participação nesse projeto?



Pela minha percepção, para a comunidade da aldeia Barra Velha, as atividades que geram renda mais praticadas antes da pandemia eram o turismo e a venda do artesanato. Os dados obtidos no questionário refletem minha percepção. O questionário ajudou a perceber que as atividades que passaram a ser mais praticada na comunidade foram a pesca seguida da agricultura familiar. Antes de aplicar o questionário, já percebia que a pesca estava sendo mais praticada, mas não percebia esse crescimento por parte da agricultura familiar, dados que o questionário possibilitou perceber e me surpreendeu. O crescimento da prática dessas atividades em destaque se deve ao fato da comunidade ficar próximo ao mar, que é uma grande fonte de sustento, e também porque nosso povo sempre plantou e colheu seus alimentos. São aspectos que justificam como essas atividades se destacaram tanto durante esse período.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho me fez entender como o povo pataxó é resiliente, especificamente ao buscar compreender as ações praticadas em minha aldeia durante este tempo de pandemia. Apesar das atividades capitalistas se inseriram dentro da comunidade com o passar do tempo, por causa da pandemia essas atividades acabaram sendo paralisadas e aquelas atividades tradicionalmente praticadas pelo nosso povo e que tinham deixado de ser praticada com muita frequência, mas que nunca deixaram de se fazer presente no cotidiano da comunidade, foram retomadas ou ressurgiram nesse período tão difícil.

Na obra “O amanhã não está à venda”, do Ailton Krenak (2020), ele nos chama para refletir sobre o significado do confinamento para os povos indígenas na pandemia, explicitando a diferença entre o confinamento vivenciado pelos indígenas se comparado ao confinamento nas cidades ou grandes centros urbanos. Também nos leva a refletir sobre o entendimento hegemônico de economia que tem como centralidade o capitalismo que massacra e destrói nossas vidas. Destaco alguns trechos que foram mais significativos para mim ao ler e refletir no contexto deste percurso:

[...] esse confinamento involuntário nos deu resiliência, nos fez mais resistentes. Como posso explicar a uma pessoa que está fechada há um mês num apartamento numa grande metrópole o que é o meu isolamento? Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, já plantei uma árvore...

Governos burros acham que a economia não pode parar. Mas a economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós. Se os humanos estão em risco, qualquer atividade humana deixa de ter importância. Dizer que a economia é mais importante é como dizer que o navio importa mais que a tripulação. [...]

Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise.

Na entrevista com o Alex, ele relatou que antes da pandemia atuava como professor na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha e com os passeios de buggy, com a chegada da pandemia as duas atividades foram paralisadas. Então, ele buscou outros meios para garantir o sustento de sua família, ele optou por se desfazer de seu buggy e comprar um barco, para trabalhar com a pesca que era uma atividade que ele tinha

conhecimento. Alex, já tinha um conhecimento nesta área, pois aprendeu a pescar com seu pai que era pescador. Ele relata que, além do seu conhecimento em relação a essa atividade, optou pela pesca porque aqui na aldeia Barra Velha há um grande consumo de mariscos, além de ser um alimento mais barato que a carne e o frango e outros alimentos vendidos na aldeia. Dessa forma, Alex colaborou com a comunidade fornecendo alimentos. Também, foi uma forma de gerar renda para pagar suas contas diante do corte do salário dos professores e da parada das atividades relacionadas ao turismo. Alex se dedicou também a agricultura familiar

A pesca e agricultura familiar foram alternativas que o Alex e outras pessoas da comunidade buscaram para garantir a sobrevivência de suas famílias e colaborar com a alimentação do seu povo.

Erilsa conta em sua entrevista que ela e seu esposo trabalhavam como professores na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha, de onde tiravam o sustento de sua família. Ela relata que 80% da fonte de renda de sua família era originada dos salários deles como professores da escola. Além da escola, eles compravam artesanato de outros parentes e revendiam no verão. Ela conta que com a chegada da pandemia, eles foram desvinculados da escola e não receberam suporte ou auxílio do município e da secretaria de educação. Erilsa relata a situação dos professores, que tiveram seus salários cortados e que, por terem contratos de professores, não tiveram direito ao recurso do governo, o Auxílio Emergencial.

Com o fechamento da escola por causa da pandemia, Erilsa conta que passaram a se dedicar ao cultivo da terra, o plantio de alimentos, verduras e legumes, ela conta que plantaram batata doce, mandioca e outros alimentos e também que tinham as galinhas caipiras de seu quintal para a alimentação. Ela percebeu que diversas outras famílias também estavam plantando, fazendo roças, hortas e cultivando a terra, uma coisa que por muito tempo parecia que havia sido esquecida ou deixada de lado e que por diversos motivos o povo não fazia. Em sua fala destaca que parecia que o povo tinha redescoberto o amor pela terra. Ela destacou que percebeu que toda a comunidade se mobilizava para plantar e fazer hortas e roças.

Nas entrevistas com o Alex e a Erilsa se percebe que a pesca e agricultura familiar foram alternativas que eles e outras pessoas da comunidade buscaram para garantir a sobrevivência de suas famílias e colaborar com a alimentação do seu povo. Destaca-se

também, principalmente na fala do Alex, que o tempo ocupado pelas atividades como professores, de certo modo, era um fator que limitava viver essas atividades tradicionais mais frequentemente.

FIGURA 10: Escola Indígena de Barra Velha durante a pandemia



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Na entrevista com o Romildo Ferreira, ele conta que trabalhava com atividades voltadas ao turismo, como representante de turismo e como fiscal na Guarita Pataxó, local de fiscalização dos passeios de buggy. Ele conta que toda sua família trabalhava com atividades voltadas ao turismo, com produção e venda artesanato e em pousada em Caraíva. Com a chegada da pandemia, todas essas atividades foram paralisadas e eles tiveram que buscar outros meios para sobreviver. Um dele foi a venda da polpa de mangaba que já era produzida por uma de suas filhas. Também, relata que se dedicou ao cultivo de uma horta, com o plantio de legumes e verduras.

Iomany conta que trabalhava com a venda de artesanato e que viajava por todo país fazendo apresentações culturais e vendendo seus artesanatos. Ela iria viajar no mês de abril de 2020 e, para isso, comprou vários artesanatos de outros parentes para levar e revender nesta viagem. Por causa da pandemia, ela acabou não viajando e esses artesanatos acabaram ficando acumulados. Então, ela começou a vender seus artesanatos

online, divulgando nas redes sociais como o *facebook* e *instagran*. Assim, as pessoas viam os artesanatos e faziam os pedidos e ela mandava via Sedex. Ela relata, também, que durante a pandemia vendeu polpas de mangaba. Em relação aos artesanatos, Iomany transformou a forma de comercializar seus artesanatos a partir das condições impostas pela pandemia usando as redes sociais.

As entrevistas e o questionário possibilitaram entender que todas essas alternativas buscadas e encontradas pelos entrevistados mostram como foi esse processo e como a comunidade fez para sobreviver durante a pandemia, buscando outros meios e se adaptando. Essas alternativas não foram desenvolvidas individualmente, ou seja, não são apenas pelos os entrevistados, elas representam alternativas coletivas da comunidade de Barra Velha, considerando suas práticas culturais e territoriais. Mostra assim que o povo Pataxó segue firme lutando seja qual for a situação enfrentada.

A seguir apresentamos uma sequência de fotos que representam as atividades e ações descritas neste trabalho.

FIGURA 11: Colar de Ritual



Fonte: Arquivo cedido por Iomany Pataxó

FIGURA 12: Passeio de buggy



Fonte: Arquivo pessoal do autor

FIGURA 13: Bugueiros na pandemia



Fonte: Arquivo pessoal do autor

FIGURA 14: Agricultura familiar



Fonte: Arquivo pessoal do autor

FIGURA 15: Pesca coletiva



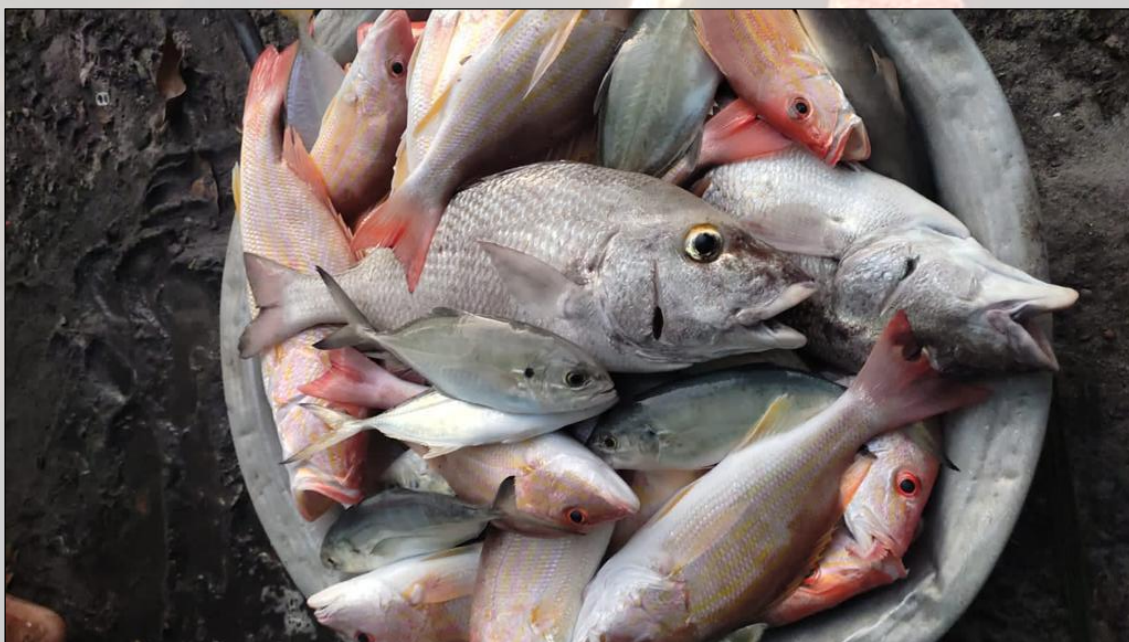
Fonte: Arquivo pessoal do autor

FIGURA 16: Barco de pesca



Fonte: Arquivo pessoal do autor

FIGURA 17: Peixe “o pedaço”



Fonte: Arquivo pessoal do autor

FIGURA 18: Mariscagem



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Após a retomada das atividades presenciais, algumas atividades que tiveram esse crescimento não continuaram com a mesma intensidade. Observo isso desde a flexibilizações dos decretos sobre o distanciamento social e das atividades econômicas. Acredito que o principal motivo para isso é a falta de tempo para realização destas atividades, pois com a retomada das atividades que antes as pessoas estavam envolvidas retornaram os tempos do cotidiano vivenciados antes da pandemia. Contudo, devo destacar que a prática da utilização das redes sociais para a divulgação e venda dos artesanatos veio para ficar, pois a cada dia se percebe que esse modo de venda de artesanatos tem sido intensificado.

De modo geral, a pesquisa mostra o quanto a comunidade da aldeia Barra Velha soube se adaptar às situações adversas, o povo pataxó é um povo que buscou nos conhecimentos dos mais velhos as alternativas necessárias como a pesca, o plantio e o cultivo de alimentos. As famílias voltaram a cultivar suas roças, plantando feijão, milho,

melancia, mandioca, batata, abacaxi, abobora etc. As hortas, tanto comunitária como as hortas caseiras, passaram a ser cultivadas nos quintais em toda a aldeia.

A pesca foi outra atividade que passou a ser mais praticada devido à necessidade por alimentos e por estarmos em uma região de litoral. A pesca se tornou a mais frequente e intensa atividade econômica que se notou, as famílias se reuniam para ir pescar nas praias, rios e em alto mar. E foi assim recorrentemente por dias, semanas e meses. A pesca de peixes e camarão foram as mais frequentes durante esse período, para o consumo próprio e para venda e troca.

Outra atividade que se intensificou muito foi a mariscarem, atividade tradicional do povo pataxó. Essa atividade sempre foi praticada pelas pessoas da comunidade, com a pandemia se tornou ainda mais frequente, sendo praticada pelas crianças e adultos de nossa aldeia. Passou a ser comum ver famílias irem para beira da praia pegar ouriço, polvo, lagosta e peixes de corais. Isso também aconteceu no manguezal, onde se concentra os principais alimentos de nosso povo como caranguejo, conchas, ostras, siri, lambreta, aratu, moreia, bugigão etc. Com essa grande diversidade de alimentos, o mangue sempre foi de suma importância para a subsistência do povo pataxó, que vive aqui no litoral sul da Bahia, refletindo sua importância nesse período.

O Plantio e colheita da mandioca, uma atividade tradicional de nosso povo, passou a ser mais praticada. São destas plantas/raízes que fazem alimentos tradicionais como a farinha de mandioca, o beijú, o kawin, a paçoca etc.

O Escambo, prática de troca de mercadorias ou alimentos, uma prática que era bastante usada pelo nosso povo, voltou a ser praticada, as pessoas trocavam peixe por farinha, beijú por caranguejo e assim sucessivamente. As trocas sempre foi presente no cotidiano do nosso povo, mas assim como as outras atividades tinha sido deixada de ser praticada com frequência.

FIGURA 19: Uma forma de transportar mercadorias para troca (escambo) no território



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Assim, finalizo este texto registrando a resiliência do nosso povo da Pataxó da aldeia Barra Velha para manter seu sustento durante a pandemia. Tempo em que as atividades tradicionais foram vivenciadas com mais frequência e se reconheceu nelas a força da nossa cultura.

REFERÊNCIA

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras. 2020

A dramatic, low-angle photograph of a fire. In the foreground, the dark silhouette of a person's back and arms is visible, reaching towards the flames. The fire is bright and intense, with sparks flying upwards. The background is dark and smoky, creating a sense of depth and atmosphere. The overall color palette is dominated by the warm tones of the fire and the dark shadows of the person and smoke.

ANEXOS

ANEXO I: WEB SEMINÁRIO DO PROJETO DE EXTENSÃO



Levantamento e acompanhamento de ações desenvolvidas nas aldeias indígenas para o enfrentamento da Pandemia e os seus efeitos na vida comunitária

WEB SEMINÁRIO DO PROJETO DE EXTENSÃO

Projeto SIEX 403858

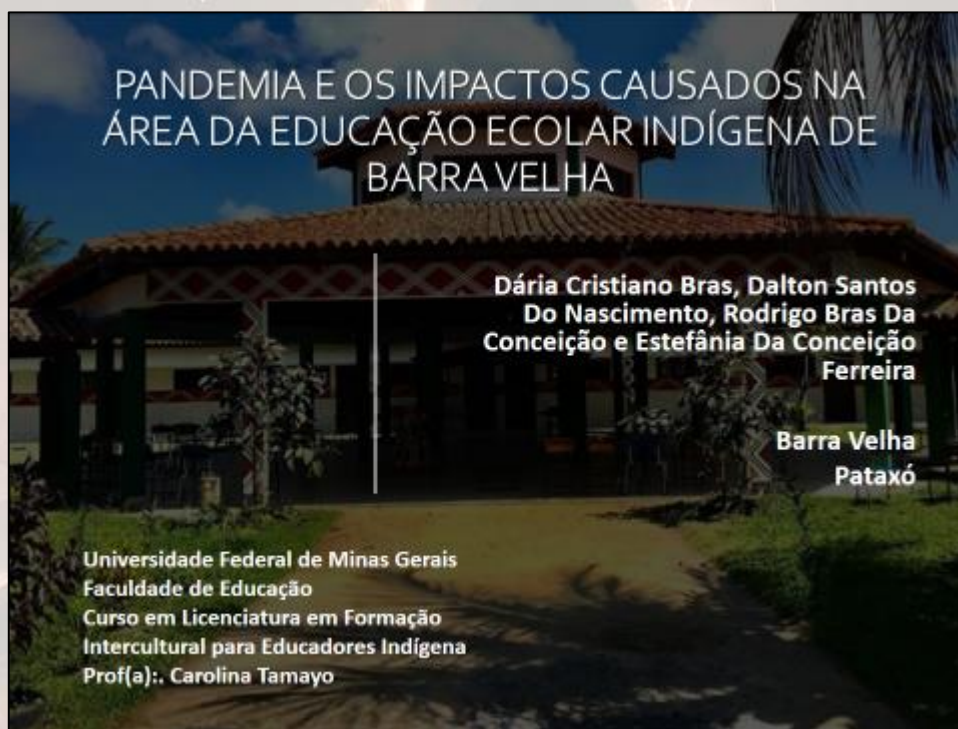
30/09, 14h A vida escolar indígena em tempos de pandemia YouTube Habilitação em matemática	01/10, 14h Práticas de cuidados em tempos de pandemia: soberania alimentar e práticas de cura	02/10, 10h Isolamento em tempos de pandemia nos territórios indígenas: ações, desafios e formas de comunicação
--	--	---

FIEI
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FaE
Faculdade de Educação

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ANEXO II: Trabalho apresentado no projeto de extensão





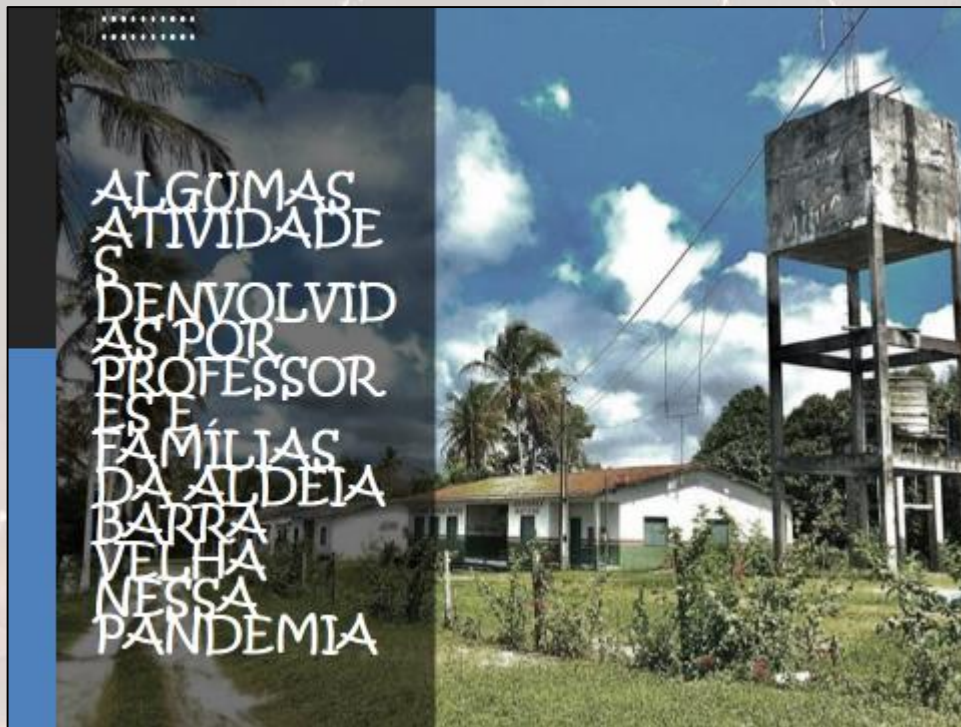
INTRODUÇÃO

Podemos observar o quanto a pandemia do covid-19 afetou a nossa comunidade, tivemos grandes impactos não somente na área da educação, como também na economia, na saúde, também dificultou bastante o acesso as cidades por conta a aldeia estar fechada. mas entre tantas dificuldades, iremos focar apenas na área da educação.



TÓPICOS

- O posicionamento da secretaria do município de porto seguro em relação ao contrato dos professores e quais medidas foram tomadas;
- Propostas sobre retorno das aulas, dificuldades e preocupações com a segurança e vida dos alunos;
- Visão de algumas pessoas da comunidade, sobre a retomada do ano letivo de 2020;



Outras atividades nas quais as crianças estão sendo envolvidas (Educação Própria)

Aqui mostramos a pesca em alto mar.

(Fotos de autoria de Dalton Nascimento)





AGRICULTURA FAMILIAR ROÇAS DE
FEIJÃO E MANDIOCA.
(Fotos de autoria de Dalton Nascimento)

Outras atividades nas
quais as crianças estão
sendo envolvidas
(Educação Própria)



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apesar das dificuldades encontradas por nós para estarmos a realizar esse trabalho até mesmo, para manter nossas famílias em segurança, tivemos também um grande desafio para montarmos e fazer a digitação. mas gostaríamos de deixar registrado, pois sabemos a importância que tem.

